

Rev.

62

P.

Rev. 67FH

11336

ERA NOVA

REVISTA DO MOVIMENTO CONTEMPORANEO



ERA NOVA

REVISTE DO GOVERNAMENTO DO PORTUGAL



ERA NOVA

816

REVISTA DO MOVIMENTO CONTEMPORANEO

DIRIGIDA POR

THEOPHILO BRAGA e TEIXEIRA BASTOS

PROPRIETARIOS

SILVA LISBOA & JOAQUIM DOS REIS

1880-1881



LISBOA

ESCRITORIO DA «ERA NOVA»

140, 1.º — Travessa da Palha — 140, 1.º

1881

ERA NOVA

REVISTA DO INSTITUTO CULTURAL

THEODORE BROWN & COMPANY BOSTON

REVISTA

ERA NOVA & JOUROS DO LITE

1880-1881

1881

REVISTA DO INSTITUTO CULTURAL

1881



ERA NOVA

O Romantismo entrou na ultima phase da sua evolução historica, na sua dissolução em trabalhos scientificos e criticos. Este movimento que começou na Allemanha e que é, como diz Gervinus, a «transição da poesia para a sciencia e do romantismo para a critica,» deu-se igualmente em França e em Italia e fez-se sentir em Portugal. A dissolução espontanea do romantismo e a renovação scientifica principiada inconscientemente e sem criterio philosophico, no meio da indisciplina mental, foi adquirindo pouco a pouco a orientação salutar e consciente da philosophia positiva. A phase metaphysica dos espiritos, revolucionaria e dissolvente, transformou-se pelo novo criterio em phase de opiniões definidas e de organização crescente. A influencia da doutrina de Comte trouxe em grande parte a revivescencia do meio social, das sciencias, da historia, da critica, da poesia, do romance, da pedagogia, das artes, da politica, etc. As aspirações revolucionarias converteram-se em opiniões positivas; á agitação desordenada succedeu a propaganda pacifica da doutrina; a relatividade substituiu o absoluto metaphysico; os elementos de resistencia disciplinaram-se pelo criterio philosophico; o espirito positivo propaga-se rapidamente e vae-se apossando da direcção das sociedades.

Em França nota-se a sua influencia profunda desde 1870; foi essa orientação de aperfeiçoamento relativo, que solidificou a Republica e que a lançou no caminho das reformas sem ter a temer os adversarios. Na Italia, na Inglaterra e na Allemanha a disciplina

scientificamente tende igualmente a dirigir a sociedade. Na Hespanha tem poucas adhesões, porque se encontra ainda no conflicto da theologia com a metaphysica.

Em Portugal a philosophia positiva encontrou adeptos com mais facilidade, porque a dissolução theologica fôra apressada pela educação metaphysica e scientifica da Universidade, das Polytechnicas e das Escolas de Medicina. Desde 1872 que esta doutrina reorganizadora se propaga e a sua influencia augmenta diariamente; na poesia, no romance, na pedagogia, em tudo se sente já a força disciplinadora da philosophia de Augusto Comte. O proprio sentimento nacional aceita esta orientação, como se viu ha poucos dias pela celebração do Centenario de Camões.

Esta imponente solemnidade popular, exercida pela disciplina positiva, fica na historia portugueza, como o liminar de uma nova phase, como o principio de uma **Era Nova** de revivescencia nacional.

O pensamento que nos guia na fundação d'este periodico é consignar mensalmente os factos significativos da evolução progressiva da nossa nacionalidade no sentido da reorganização social e procurar contribuir para o maior desenvolvimento da disciplina positiva das aspirações modernas por meio de estudos scientificos, de ensaios sociologicos, de monographias, de criticas, de trabalhos litterarios, etc., tudo, mais ou menos directamente subordinado ao criterio seguro da philosophia positiva.



OS LIVROS POPULARES PORTUGUEZES

(FOLHAS-VOLANTES OU LITTERATURA DE CORDEL)

As pequenas nacionalidades têm fracos estímulos de actividade, e por isso a sua vida política, industrial, litteraria e artistica apresenta um poder limitado, que parece á primeira vista uma falta de vigor, de invenção, e de originalidade. Conhecida porém a relação dos phenomenos sociaes com o meio, immediatamente se sabe julgar as manifestações mais ou menos conscientes d'essa pequena nacionalidade. Em Portugal o povo só começou a ter vida politica nos concelhos, e a par d'essas garantias estabelecidas nas Cartas de Foral existiu uma fecunda poesia lyrica tão bella que o que penetrou nos Cancioneiros aristocraticos por imitação não tem nada que o exceda nos Cancioneiros da idade media da Europa. No seculo xv começam algumas regalias parlamentares em D. João I, e o povo apresenta os seus cantos festivos, como os que cantava em volta da sepultura do Condestavel, o typo épico da independencia portugueza. No seculo xvi cria-se riqueza publica pela exploração colonial, e se esse seculo é o mais fecundo da litteratura portugueza, cuja epoca é conhecida pelo nome de Quinhentista, rivalizando quasi com a Italia,—pelo seu lado o povo portuguez tambem teve interesses moraes bastantes para inspirar uma litteratura particularmente sua, com Autos, ou dramas hieraticos, com Trovas ou composições épicas e lyricas, e com Relações ou pequenas narrativas historicas como as bellas descrições dos naufragios na carreira da India.

São numerosos os livros populares do seculo xvi em Portugal, mas antes de fallarmos d'elles importa notar que os principaes escriptores quinhentistas como Gil Vicente, Antonio Ribeiro Chiado, Sá de Miranda, Jorge Ferreira se inspiraram directamente das tradições populares; outros, como Trancoso, Bandarra, Balthazar Dias, Affonso Alvares, Gregorio Affonso foram exclusivamente os escri-

tores do povo, os que tiveram o privilegio de lhe dirigir o sentimento, de impressional-o na sua ingenuidade. O conjunto d'estes livros, que se caracterisam pela sua fórma material de *folha volante*, ou como lhe chamam os hespanhoes *pliego suelto*, fórma uma litteratura especial, de uma grande importancia ethnica e historica á qual se dá em Portugal o nome pittoresco de *Litteratura de cordel* pelo modo como esses folhetos eram outr'ora apresentados ao publico dependurados em um barbante. Nicoláo Tolentino de Almeida, que conheceu tão bem a physionomia intima da sociedade portugueza do seculo xviii refere-se a esta litteratura de cordel, na *satyra do Bilhar*:

Todos os versos leu da Estatua equestre,
 E todos os famosos Entremezes
 Que no Arsenal ao vago caminhante
 Se vendem a cavallo n'um barbante.

Apesar de haver passado um seculo sobre este uso, ainda se conservam algumas canastras de folhetos da antiga litteratura de cordel na concorrida rua do Arsenal. Bocage, que tambem teve intimas relações com o povo portuguez, que perpetuou o seu nome em lendas picarescas, allude á litteratura popular, quando ella era ainda exclusivamente explorada pelos cegos por um privilegio real de D. João v:

Mercenario pregão de cego andante

 Audaz impinge semsabor novella
 Munida de um Bocage altisonante.

O poeta reagia contra a falsa attribuição de traductor da *novella exemplar* de Cervantes, a *Hespanhola Ingleza*, que os cegos apregoavam sob o nome de *Bocache*.

Hoje os cegos ainda vendem relações, trovas e historias, mas recorrem a industrias complementares como a venda de jornaes e de caixas de phosphoros. A litteratura popular portugueza apresenta tres epocas: A primeira e a mais fecunda, que revela o vigor do povo portuguez, é indubitavelmente no seculo xvi. Não só os escriptores communicaram com o povo, como as obras que o povo adoptou ficaram de tal fórma radicadas no seu gosto, que grande parte dos livros de cordel ainda hoje lidos, como os *Autos e Trovas de Balthazar Dias*, datam da ultima metade do seculo xvi.

A segunda epoca apresenta menos fecundidade, porque se deu uma invencivel concorrência com os escriptores hespanhoes, e os escriptores asceticos desviaram o gosto do povo para os sermões, milagres e vidas de santos. Restam d'esta segunda epoca poucos folhetos populares, e só chegaram ao seculo xviii o *Fidalgo aprendiz* de D. Francisco Manuel de Mello, as coplas anonymas da *Me-*

nina formosa, o auto anonymo do *Colloquio dos Pastores*, e o *Tratado dos Passos* de Frei Rodrigo de Deus.

A terceira epoca, pela criação da Confraria do Menino Jesus, por onde se reservou o privilegio exclusivo da venda dos folhetos aos cegos, foi bastante fecunda, mas em geral a litteratura de cordel d'esta epoca, quer no theatro ou nas trovas, foi essencialmente picaresca; houve bastantes escriptores populares, como Alexandre Antonio de Lima, que chegou a escrever em plebeismos e gíria vulgar, Antonio José da Silva, que soube crear a baixa comedia com a graça popular ou *chalaça*, José Daniel Rodrigues da Costa, auctor do romance picaresco o *Piolho Viajante*, e do jornal *Almoceve de Petas*, e Antonio Xavier Ferreira de Azevedo, o auctor da popularissima comedia do *Manuel Mendes Enxundia*.

Depois da vulgarisação dos jornaes extinguiu-se a litteratura popular portugueza, e hoje só se lêem os melhores productos das tres epocas que esboçámos.

Existe uma differença profunda entre *popular* e *tradicional*, que importa bem distinguir para comprehender esta parte da historia litteraria; em geral as criações tradicionaes conservam-se nas versões oraes do povo, mas tambem se conservam entre o povo obras litterarias individuaes que se não derivam da tradição. Muitos dos livros populares pertencem a esta segunda classe, porém os mais profundamente radicados no gosto do povo são aquelles que se inspiram da tradição. É por isso que todas as vezes que os escriptores se separam do povo as suas obras não tem intuito, e tornam-se quando muito uma habil curiosidade.

I.— OS LIVROS POPULARES PORTUGUEZES NO SECULO XVI

O escriptor que mais profundamente conheceu a vida e o gosto do povo portuguez foi Gil Vicente; por mais minuciosamente que se estudem as suas obras, ha sempre revelações historicas a descobrir aí. Elle converteu o costume popular das representações hieraticas em bellas composições dramaticas a que deu o nome de *Autos* (Actos.) Estas composições tornaram-se uma necessidade moral da classe burgueza no seculo xvi, e a gente do baixo povo pagava ás crianças da escola para as ouvir lêr. Diz Jorge Ferreira na *Eufrosina* (p. 187): «Se escreveis a lavadeira, que falla frautado, morde os beiços, lava as mãos com farellos, canta de soláo, inventa trovas, dá ceitis para cerejas a menino da escola que lêa Autos . . .»

No tempo de Filinto Elysio, especialmente na sua infancia, pagava-se doze vintens aos cegos para recitarem os versos da paixão. Alguns Autos de Gil Vicente foram conhecidos pelo nome que o povo lhes impoz, como a Farça de *Quem tem farellos?*

João Ferreira de Vasconcellos, tão verdadeiro na pintura dos costumes portuguezes do seculo XVI, allude frequentemente a Autos e trovas de Gil Vicente que se haviam tornado populares. Citaremos alguns d'esses Autos; o da *Mofina Mendes*, baseado sobre a tradição universal da *bilha de azeite*, é citado como proverbial na *Aulegraphia*: «Fermosura com vangloria dana mais do que aproveitada, e as mais das vezes lhe corre per davante *Mofina Mendes* e a boa diligencia acaba o que merecimento não alcança.» (*Aulegr.*, fl. 52).

Os Autos das *Barcas do Inferno* e do *Purgatorio* tambem foram bastante populares, e ainda no seculo XVIII se imprimiam e representavam; as folhas volantes perdidas entre as mãos do povo differem das obras impressas sobre o manuscrito pelo filho de Gil Vicente. O *Auto das Barcas* tem duas redacções, uma castelhana publicada em Braga em 1539, e outra portugueza representada em Lisboa antes do fallecimento da segunda mulher de el-rei D. Manuel.

Ambas as redacções differem entre si, parecendo a castelhana derivada ou imitada do *Dialogo de Mercurio e Caronte*, de Valdez; esta redacção tem a mais do que a portugueza, um Introito, no qual se allude a Lisboa:

Mia fé os quiero contar
No sé que vi en Lisboa,
Que dicen que es cosa boa.

Tem a mais do que a redacção portugueza um Argumento, em que cita todos os personagens que entram no Auto (os mesmos que apparecem na redacção portugueza) e «Un hidalgo portugues;» tem lá mais quatro quadras moraes endecasyllabas. D. Bartholomé José Gallardo, no *Ensaio de una Bibliotheca de Livros raros*, cita a redacção hespanhola sem conhecer o auctor, e traz excerpτος das scenas: do Diabo com o Fidalgo;—do Diabo com o Onzeneiro;—do Anjo com o Frade;—da Alcoviteira com o Diabo;—do Judeu com o Diabo.

Na redacção portugueza das *Barcas* existem variantes fundamentaes, sobretudo no seculo XVII. Em um folheto impresso por Domingos Carneiro em 1620, vem uma imitação dos *Arrenegos* de Gregorio Affonso, criado do bispo de Evora, que Gil Vicente poz na bocca do Arraes do Inferno. Os *Arrenegos* foram a obra mais popular do fim do seculo XV, e acham-se no Cancioneiro de Resende de 1516, e nas folhas volantes do seculo XVII; o poeta popular Antonio Ribeiro Chiado tambem os imitou nos seus *Avisos para guardar*¹. Esse genero de trovas satyricas tem a fórma dythirambica, que facilita a improvisação e a adaptação popular.

¹ Citados nas folhas volantes do seculo XVIII com o titulo *Avisos contra os enganos*. Papeis varios, coll. da Academia, t. 65, no Escudo apologetico.

Os *Arrenegos* de Gregorio Affonso foram pois imitados pelo seu contemporaneo, o insigne Gil Vicente; esta imitação, que prova a sua grande popularidade, anda junta á folha volante do criado do bispo de Evora com o titulo:

ARRENEGOS DO BARQUEIRO DO INFERNO, NOVAMENTE TROVADOS.
POR GIL VICENTE, DE LISBOA

Pois o rio vae tão mal,
E a barca tão vasia,
Começo de arrenegar
Primeiro de minha tia.
Arrenego da phantasia
de quem mais que a mim amou.
Arrenego eu do grou
que voando foi ao céu.
Arrenego de quem morreu
de medo de uma sardinha.
Arrenego da mesinha
que faz inchar o doente.
Arrenego da semente
que não nasce em dois annos.
Arrenego dos humanos
que tem miolo de pato.
Arrenego do barato
que me leva quanto tenho.
Arrenego eu do lenho
que se faz verde no fogo.
Arrenego eu do jogo
onde vcu escalavrado.
Arrenego do Prelado
que se preza de taful.
Arrenego do azul
que está no meio do olho.
Arrenego do piolho
que mais que seu dono val.
Arrenego do relógio
que não sabe que horas são.
Arrenego do caravelão
que sempre está em secco.
Arrenego do dinheiro
que ganho n'esta viagem.
Arrenego da barcagem
e do malvado Barqueiro.
E a Lucifer requeira
que por este arrenegar
me queira logo entregar
a priminencia do Inferno ¹.

¹ Extraídos de uma folha volante impressa em Lisboa por Domingos Carneiro em 1649, com as licenças datadas de 4 de dezembro de 1620. Consultámos o rarissimo exemplar do sr. Minhava, a quem devemos a comunicação dos Autos mais raros da Litteratura portugueza. Na Bibliotheca do Porto existe outro exemplar.

Estes arrenegos de Gil Vicente não se encontram intercalados no *Auto da Barca do Inferno*, e devem-se considerar como pertencendo áquelle numero de *obras meúdes*, que Luiz Vicente já em 1562 dava como perdidas. Falta em todas as edições das obras completas de Gil Vicente. No Escudo apologetico, folha volante de 1732, cita-se entre as obras populares o *Auto da Barca*, o *Auto da Segunda Barca* e o *Novo Auto da Barca*. E no *Folheto d' Ambas Lisboas* de 1730, n.º 2: «e até querem governar a *Barca do Inferno*; etc.» Foi na segunda metade do seculo XVIII que acabou a popularidade d'este cyclo de Autos hieraticos de Gil Vicente.

Depois dos *Autos das Barcas*, a tragicomedia de *D. Duardos* foi a obra mais popular de Gil Vicente, dedicada ao principe D. João, successor de D. Manuel, e por muito tempo attribuida sem fundamento ao infante D. Luiz. Esta tragicomedia pertence ao cyclo cavalheiresco de aventuras; traz um romance final que o povo portuguez assimilou em versões curiosissimas, tanto em Hespanha como nas ilhas dos Açores¹, e que o proprio Camões conheceu:

Voyme á las tierras estrânas

A dó ventura me guia

Aut. dos Amph.

Voyme á tierras estrangeras

Pues ventura allá me guia

Gil Vicente, II, 250.

Na *Arte de Galanteria* D. Francisco de Portugal cita o *D. Duardos* como uma composição favorita das damas da cõrte; e a sua popularidade chegou ainda á segunda metade do seculo XVIII porque o *D. Duardos* vem citado em uma lista de folhas volantes que se vendiam no Loreto em 1732. A fõrma dramatica decaía da lembrança do povo, e ficou apenas na corrente da tradição oral o bello romance de *Flerida*. No *Folheto de Ambas Lisboas*, de 1734 (n.º 14) citam-se alguns assumptos populares tratados em uma parodia de Academia chamada dos Fleumaticos, e aí se lê: «Feita pausa, nomeou o Secretario o primeiro assumpto heroico, que foi a heroica acção do *Principe D. Duardos* se fingir hortelão para ver e fallar á princeza Flérída, como consta do *Auto* do mesmo D. Duardos logo na segunda folha.» Por este mesmo tempo o Cavalheiro de Oliveira colligia uma bella versão popular do romance de *Flerida*, que Almeida Garrett publicou no seu *Romanceiro*.

Resta de Gil Vicente uma obra que foi popular durante tres seculos, o *Pranto de Maria Parda*; já no meado do seculo XVI fallava d'estas trovas na comedia *Aulegraphia*, o primoroso Jorge Ferreira de Vasconcellos: «Vós, em pessoa nobre agraduado a obreiro, sabe que já competem as padeiras, lee pelo Conde Parti-

¹ Vid Duran, e *Cantos populares do Archipelago*.

noples, *sabe de côr as Trovas de Maria Parda*, e entra per figura no Auto do Marquez de Mantua.» (fl. 12.) Junto das Trovas de Gil Vicente vem aqui citada uma das obras mais queridas do povo portuguez, do seu escriptor dilecto o cego Balthazar Dias. As trovas de Maria Parda figuram na lista das folhas volantes que se vendiam no Loreto em 1732, e Filinto Elysio, escreve ainda no fim do seculo xviii: «E foram grandes poetas os que compozeram as Cantigas dos Cegos e *Autos de Maria Parda*.» (Obras, t. iii, 3.)

Hoje nenhuma obra de Gil Vicente subsiste na leitura popular, porque os livreiros voltaram-se para a exploração dos romances francezes; porém pôde-se affirmar que este grande escriptor renasce para a sciencia, que o estuda como a luz mais viva para revelar a existencia moral da sociedade portugueza no seculo xvi. Além d'estes escriptos, Gil Vicente tem ainda uma communição mais intima com o povo pelos romances heroicos que intercalou nos seus Autos, pelos jogos, pragas, superstições e locuções proverbiaes e fragmentos de cantigas.

Depois de Gil Vicente foi o poeta Antonio Ribeiro Chiado o mais popular pela sua graça franca; Jorge Ferreira diz d'elle: «Em algumas cousas teve graça esse escudeiro.» (*Aulegraphia*, fl. 126 v.) Camões tambem o cita: «e eu por gracioso o tomei; e mais tem outra cousa, que uma trova fal-a tão bem como vós, como eu, ou como o *Chiado*.» (Pr. da Comedia d'*El-rei Seleuco*.) Ainda no fim do seculo xvi Soropita referia se ao poder satyrico d'este poeta popular: «mas basta para elles o Chiado, que lhes soube assentar as costuras.» (*Poes. e Prosas*, p. 109.) As obras de Chiado são extremamente raras e só se conhece o exemplar da Bibliotheca nacional; apenas se conservaram na tradição a *Pratica de tres Compadres*, e os *Avisos contra os Enganos*, que ainda se vendiam entre as folhas volantes em 1732. O seu rival Affonso Alvares, criado do Bispo de Evora, foi mais feliz, porque dos seus escriptos ainda se conservam dominando o gosto popular o *Auto de Santo Antonio*, e o *Auto de Santa Barbora*, apesar de serem escriptos «a pedimento dos muy honrados e virtuosos conegos de Sam Vicente.» Affonso Alvares era mulato, e saíra das infimas classes. As obras populares de Affonso Alvares e de Balthazar Dias soffreram duros córtes no Index Expurgatorio de 1624, que as não pôde arrancar do gosto publico, representando se ainda hoje nos theatros ao ár livre pelas aldeias.

Balthazar Dias, poeta cego, do tempo de D. Sebastião, é o escriptor classico do povo portuguez; as suas obras conservam-se quasi integralmente na leitura vulgar. Elle teve o dom de se apoderar da imaginação ingenua do povo, e os seus versos nunca são ouvidos sem lagrimas; e merece estas manifestações do senti-

mento, porque Balthazar Dias soube achar os veios auríferos da poesia tradicional; a *Historia da Imperatriz Porcina*, que elle tratou em verso de redondilha, é a celeberrima legenda de *Crescencia*, que occupou a imaginação da idade media da Europa; no *Folheto de Ambas Lisboas*, (n.º 25) achamos esta referencia: «Canta lindamente per solfa de *Tyranno amor*, aquella delicada xacara que tantas vezes lemos no Auto da *Imperatriz Porcina*.» Filinto Elysio, tambem allude nas suas Obras (t. III, p. 130):

E constrictas choravam maviosas
 Ao lerem a Divina Fortaleza,
 Ou lendo as maguas, queixas e amarguras
 Da *Imperatriz Porcina* ou *Mangalona*?

No n.º 2 do *Folheto de Ambas Lisboas*, descrevendo as conversas populares e os sitios mais frequentados na primeira metade do seculo XVIII, enumera as principaes obras de Balthazar Dias, notaveis pelo privilegio das lagrimas: «Lembraram-se das commuas conversações d'este genero, onde se junta todo o jarra de humor peripatetico, como v. g. o Balcão do Livreiro de Sam Domingos, o Adro do Monte, a Ribeira das Náos, o Caes da Pedra, o Cano Real aos domingos de tarde. Alli se repetem historias que succederam a Damadana avó da antiguidade, tão compridas como legua da Povoá, alli se traz á memoria a *Historia de Valdevinos*, a morte da *Emperatriz Porcina*, e cada jarreta d'aquelles quando repete aquellas tristes tragedias deita tamanha lagrima como punho, sem advertirem os tolos, que aquillo passou ha muitos tempos, e pode ser, que seja mentira. Alli se murmura da *Malicia das Mulheres*, dão se *Conselhos para bem cazar...*» A historia de Valdevinos é o Auto do *Marquez de Mantua*, citado já como popular por Jorge Ferreira de Vasconcellos, e do qual colligiu o Cavalheiro de Oliveira uma versão preciosa aproveitada por Garrett. Os Autos hieraticos de *Santo Aleixo* e de *Santa Catherina* são ainda hoje representados pelas aldeias, e a *Malicia das Mulheres* tem sido refutada e imitada bastantes vezes. N'esta corrente voraz do tempo muitas obras de Balthazar Dias se perderam ou ficaram esquecidas do povo, taes como o romance *Retrahida está a Infanta*, o Auto de *El-rei Salomão*, o Auto do *Nascimento de Christo* e o Auto breve da *Paixão*, devidos com certeza ás prohibições do Index Expurgatorio de 1624.

Apesar dos córtes dados pelos Indices Expurgatorios de 1564, 1581 e 1597, a litteratura popular do seculo XVI ainda pôde sustentar até hoje um grande numero de folhas volantes, das quaes é a principal a *Historia de Roberto do Diabo*, anonyma. A vida de Roberto do Diabo imprimiu-se em Burgos em 1509 com o titulo

Vida de Roberto admirable y espantosa; reproduziu-se em 1530 em Alcalá de Henares; e em 1532 em Sevilha. No Index Expurgatorio de 1581 acha-se a fl. 22 prohibida: *Roberto el Diablo*. Foi sobre o texto hespanhol que se fez a versão portugueza. Tem-se dado a Roberto do Diabo a realidade historica de Robert Curte-Heuse, filho de Guilherme o Conquistador; diz porém Littré: «Comtudo estas razões não me parecem sufficientes para que se veja verdadeiramente no heroe do romance uma imagem do filho de Guilherme.»¹

Ainda hoje o folheto do *Roberto do Diabo* é um dos mais lidos do povo portuguez. Citaremos outros livros populares prohibidos pelo Index de 1581: *Desenganos de Perdidos*, *Gamaliel*, *Lazarillo de Tormes, todas as partes*, (fl. 18 v.) fonte de todos os romances picarescos dos seculos xvii e xviii; *Peregrino e Genebra*, *Perla preciosa*, *Selva odorifera*, *Selva de aventuras*, *Tratado de Belial*, e *Trovas de Bandarra*. D'entre estas obras prohibidas sómente as Trovas de Bandarra se conservaram entre o povo, e só por si constituem uma vasta litteratura. Gonçalo Eanes Bandarra é um dos typos mais populares de Portugal e ainda hoje uma grande parte da população crê nas prophecias do sapateiro de Trancoso. As trovas de Bandarra já eram conhecidas desde 1531; ellas são para o nosso povo o que as Prophecias de Merlim foram para os povos bretãos. Póde-se suspeitar que o texto das Prophecias de Bandarra foi alterado constantemente por todos os credulos ou pelos que quizeram dirigir a credulidade popular, porque no Processo do Santo Officio de 1544 cita-se o seguinte fragmento que se não acha no texto impresso em Nantes:

Tu, Dão, cobra serás
Que andas por traz dos valados
Como o cão sorrateiro
Que mordes o cavallo
E matas o cavalleiro.

Na *Apologia do Padre Vieira* cita este escriptor outro fragmento das Prophecias, que tambem se não acha na recensão impressa:

A linhagem dos Fidalgos
Por dinheiro é trocada;
Vejo tanta misturada
Sem haver chefe que mande,
Como quer que a cura ande
Se a ferida está danada?

As trovas de Bandarra são a fonte da litteratura prophetica por-

¹ *Études sur les Barbares*, p. 305.

tugueza, que se liga aos principaes successos da historia de Portugal, taes como perda da nacionalidade em 1580, independencia de Portugal do jugo hespanhol em 1640, invasão napoleonica em 1807, etc. Depois das Prophecias o livro mais popular é o que se intitula *Livro das Partidas do Infante D. Pedro*. De facto o Infante D. Pedro, Duque de Coimbra e digno filho de D. João I, fez uma viagem aventureira antes de 1428; allude a essa viagem João de Mena em uns versos publicados no Cancioneiro de Resende, e sabe-se por um documento dos archivos de Flândres, que em 1425 D. Pedro se achava em Bruges: «Pelo fim de dezembro de 1425, o filho do rei de Portugal desembarcado em Ostende, veio visitar Bruges, passando por Odenbourg. Demorou-se mais de um mez na cidade brugense, onde houve festas por sua honra, e além d'outras cousas um torneio sobre o Bourg, a 31 de janeiro de 1426. Os nossos Archivos não dizem de que filho de rei de Portugal (D. João I reinava então) se trata, mas é provavel que fosse D. Pedro, duque de Coimbra.»¹ Camões tambem se refere a esta excursão ao norte. A relação d'esta viagem do Infante D. Pedro é attribuida a um dos seus companheiros de aventuras Gomes de Santo Estevam. Ferdinand Denis revela a existencia d'esta relação apocrypha mas popular em um folheto que se guarda na Bibliotheca nacional de Paris com o titulo: «*Livro do Infante D. Pedro, que andou as quatro Partidas do mundo*. Lisboa, 1554.» Este critico deduz que a primitiva redacção fosse em castelhano, e feita por algum hespanhol, em nome de Gomes de Santo Estevam, não só porque a primeira edição conhecida é a castelhana de 1546, como tambem nas fallas do Infante com os varios monarchas que visita dá-se como filho de um rei poderoso que conquistou a Hespanha, ou como vassallo e parente do rei de Leão. Este opusculo verdadeiramente popular tem sido alterado nas successivas impressões, e pertence como livro de viagens ao genero das Mirabilia de Mandeville, Cubero e outros phantasistas². Hoje o folheto tem um titulo diverso; chama-se as *Sete Partidas do Infante D. Pedro*, e proveiu essa alteração de andar ligado quasi sempre á folha volante dos *Sete Sabios de Roma*, como se póde verificar pela edição de Barcelona de 1595: «*Los siete Sabios de Roma con el Libro del Infante D. Pedro que anduvo las quatro Partidas del mundo*.»

Commentando a estancia 37 do Canto VIII dos *Luziadas*,

¹ Emile Vanden Bussche, *Memoires sur les relations qui existèrent autrefois entre les Flamands de Flandre et les Portugais*, P. II, p. 4.

² Nouvelle Biographie universelle, v. *Gomes de Santo Estevam*. Por ventura compilado a *Viagem á India* de Hieronymus de Santo Stephano.

Aquelle faz que fama illustre fique
D'elle em Germania com que a morte engane,

escreve Faria e Sousa: «Aquel, és Don Pedro, que corrió muchas partes del mundo, con que dió motivo, a que de su peregrinacion se escriviessen cosas que parecen fabulas a quien ha visto poco: principalmente un quaderno que vulgarmente se llama *Auto do Infante D. Pedro*. Algunos piensan que el nombre és improprio, por que piensan, que Auto no passa de significar mas de una suerte de comedia. Pero quien escrivió aquel pedaço de historia se devia acordar del titulo de los Apostolos de Christo, que es *Actus Apostolorum*, etc. Assi que el *Auto del Infante* quier decir acciones suyas: de manera, el titulo está ajustado a lo escripto.»¹ Conhecemos depois da edição de Paris como mais antiga a edição de Lisboa, de 1602, de casa de Antonio Alvares. As *Partidas do Infante D. Pedro* tambem foram populares em Hespanha, como vêmos pelos versos de Gongora; e em Portugal falla d'ellas como populares no seculo xvii D. Francisco Manuel de Mello. Filinto Elysio cita tambem o opusculo das *Sete Partidas* tal como falla d'elle Faria e Sousa: «Emquanto me lembrar o *Auto do Infante D. Pedro que correu as sete partidas do mundo . . .*» (Trad. de Lafontaine, p. 361.) As edições numerosas d'estes folhetos differem todas entre si, porque os livreiros têm modificado a linguagem segundo as epochas, para assim satisfazerem a curiosidade do povo. As ultimas edições são do Porto e não tem valor litterario, sendo aliás um monumento digno de estudo esta relação de viagem. A litteratura popular tambem pertenceram no seculo xvi as relações de naufragios dos galeões da India, colligidas no seculo passado em volumes sob o titulo de *Historia tragico-maritima* por Bernardo Gomes de Brito; das mais celebres relações é a do *Naufragio do Galeão S. João*, onde se descreve de um modo shakespeareiano a morte de Sepulveda e da sua formosissima mulher D. Leonor de Sá. Esta relação é anonyma e julga-se escripta sob o ditado de Alvaro Fernandes, guardião do galeão grande. Nenhuma das Relações de Naufragio existe hoje na corrente do gosto popular, e infelizmente acham-se substituidas pela *Historia de João de Calais*, abreviada do romance francez de Madame Gomez (née Madeleine Angélique Poisson) ultima representante do gosto dos Calpernede e Scudery². Tambem foram populares no seculo xvi a *Ecloga do Crysfal*, de Christovam Falcão, cujos versos apparecem como proverbio nas Cartas de Camões; as

¹ Comm., t. III, p. 434.

² Ch. Nizard, *Hist. de la Litterature de Colportage*, t. II, p. 408.

Trovas do Moleyro de Luiz Brochado¹, e as tres partes avulsas dos *Contos proveitosos* de Trancoso; estas ultimas conservaram-se no gosto publico até ao meado do seculo xviii. Perderam-se outras obras bastante queridas do povo, como o *Auto de Braz Quadrado*, *Gonçalo Chambão*, as *Coplas da Burra*, e um grande numero de Orações. Foi nas mãos do povo que se perdeu a quasi totalidade das *Obras meúdas* de Gil Vicente. Das obras anonymas apenas se conserva ainda no gosto do povo o *Auto do Dia do Juizo*.

O grande desenvolvimento da litteratura popular do seculo xvi ligado a causas historicas da propria nacionalidade, é a explicação clara do esplendor da epoca dos Quinhentistas, comprovando de um modo positivo o pensamento de Frederico Schlegel: «A separação absoluta dos sabios, do vulgo e do povo é o maior obstaculo para os progressos intellectuaes de uma nação.»²

Deu-se esta calamidade em Portugal no seculo xvii; os escriptores saídos das escolas dos Jesuitas eram puros humanistas, e não se preocupavam com o povo. D'aqui a sua grande inferioridade; apenas D. Francisco Manuel de Mello e Francisco Rodrigues Lobo conheceram o veio da poesia popular, e por isso o seu lyrismo é de uma inquestionavel superioridade. D'estes dois escriptores restam dois Autos o do *Fidalgo Aprendiz* e *Auto da Natividade*, que foram populares até ao meado do seculo xviii.

II.—DOS LIVROS POPULARES PORTUGUEZES NO SECULO XVII

A inferioridade litteraria do seculo xvii começou pelo estabelecimento da intolerancia catholica do reinado de D. João iii, e fundação da censura pelo Cardeal D. Henrique. A litteratura popular foi profundamente atacada, mutilada, prohibida, e ainda assim subsistem ainda bastantes composições que dominam de um modo absoluto o gosto nas classes agricolas. O Index Expurgatorio de 1581 traz esta fórmula prohibitiva: «Os vendedores de Autos e Cartilhas, nam vendam nem comprem para vender outros livros sem primeiro os mostrarem ao Revedor: porque algumas pessoas escondidamente tem alguns livros que elles comprem e vendem sem saber o que ha nos taes livros, e se seguem d'isso inconvenientes: e ha enformações, que nas taes tendas se acham livros suspeitos e prejudiciaes. E os Sollicitadores do Santo Officio visitarão algumas vezes os ditos logares e farão saber ao Revedor os livros que ali se vendem. O mesmo se fará dos livros que se vendem nas

¹ Vid. *Antologia portugueza*.

² *Hist. da litteratura antiga e moderna*, 1, 2. Trad. franc.

feiras.» A esta tremenda condemnação não escaparam os pobres livros populares ou de *feira*, nem as mais sublimes maravilhas de arte como os *Lusiadas* em 1584.

O tremendo Index Expurgatorio de 1624, organizado pelo padre Balthazar Alves, da Companhia de Jesus, atacou principalmente a litteratura popular, alargando a fórmula: «E geralmente quaesquer Autos, Comedias, Tragedias, Farsas deshonestas, ou onde entrem pessoas ecclesiasticas indecentemente, ou se representa algum sacramento ou Acto Sacramental; ou se reprehendem e vituperam as pessoas que frequentam os Sacramentos e as Egrejas, ou se faz injuria a alguma Ordem ou Estado, aprovado pela Egreja.» (p. 96.)

Apesar das prohibições d'este terrivel Index, alguns livros populares radicaram-se no gosto do vulgo como o *Auto ou Historia de Theodora donzella*. (Ib. p. 96.) É de crer que esta redacção fosse a original castelhana; na primeira metade do seculo xviii foi traduzida por Carlos Ferreira Lisbonense com o titulo *Historia da Danzella Theodora, em que trata da sua grande formosura e sabedoria*. (Lisboa, 1758.) Este celeberrimo conto hespanhol, sobre o qual Lope de Vega fundou uma das suas bellas comedias com aquelle instincto do genio que lhe fazia presentir o valor das tradições nacionaes, foi continuado em Portugal em um outro folheto intitulado: «Acto de um Certamen politico que defendeu a discreta Donzella Theodora no reino de Tunes; contém nove conclusões de Cupido, sentenciosamente discretas e rhetoricamente ornadas. (Lisboa, 1745 fl., 14 p.)

Na epoca em que o Index de 1624 condemnou o *Auto ou Historia de Theodora donzella*, tambem o grande escriptor dramatico Tirso de Molina, na sua comedia *El Vergonzoso en Palacio*, ao pôr na bocca de um amante o elogio da sua dama, allude a este typo proverbial: «¡Qué Doncella Téodor!» Segundo Ticknor esta pequena novella não é anterior á conquista de Granada ¹, e Ferdinand Denis caracteriza as noções scientificas n'ella expendidas como inteiramente medievaes ². A edição mais antiga conhecida pelos eruditos Gayangos y Vedia é a de Burgos de 1537, in-4.^o gothico, geralmente unida á *Historia del Conde Ferran Gonzales* e á de *Los Siete Infantes de Lara*, impressas no mesmo anno por Juan de Junta ³

¹ *Historia de la Litteratura española*, t. II, p. 353, not.

² *Chron. chevall. d'Espagne*, t. I, p. 285.

³ Estes dois ultimos folhetos entraram tambem na Litteratura popular portugueza, e a sua ultima edição é do Porto, 1863: *Historia curiosa da Vida do Conde de Castella Fernão Gonçalves, e das Façanhas dos sete Infantes de Lara*. (Livraria popular, n.^o 6.)

A origem litteraria da novella *A Donzella Theodora* é um problema interessante para a comprehensão das fontes tradicionaes da peninsula, em que o elemento arabe é de uma importancia fundamental apesar de todos os esforços da reacção catholica. Nicoláo Antonio diz que passa por auctor da novella um aragonez chamado *Alfonso*¹, e Latassa colloca-o entre os escriptores aragonezes²; Gayangos propõe uma conjectura plausivel identificando este Alfonso com Pedro Alfonso, judeu natural de Huesca, chamado Rabbi Moseh, que se converteu ao christianismo recebendo no baptismo o patronymico de *Alfonso* por ser seu padrinho o rei de Aragão D. Alfonso o Batalhador. Pedro Alfonso é o celebre auctor da *Disciplina clericalis*, formada de contos traduzidos do arabe para latim; de facto existe tambem uma redacção arabe do conto da *Donzella Theodora*, e os vestigios de uma traducção latina ainda se conservam nos nomes latinos dos doze signos do Zodiaco; a versão castelhana seria por ventura feita depois da tomada de Tunis em 1535, com variantes fundamentaes como as que exigem uma adaptacção a novos usos. Assim a conjectura torna-se quási uma realidade; diz Gayangos: «Não ha que extranhar que chegando ás mãos de Alfonso o original arabico da *Historia da Donzella Theodora* o traduzisse em latim, alterando-o, e que mais tarde a obra latina se vertesse em castelhano com variantes maiores. Devemos acrescentar a isto, que o conto arabico tem todas as fórmas assim como o estylo proprio d'esta classe de obras populares; e que o exemplar que possuímos se attribue a obra de Abu Bequer Al-warrac, celebre escriptor do segundo seculo da Hegira, e auctor de outros contos e tratados do mesmo estylo; isto fortalece a suspeita mesmo de que a obra poderia ter sido traduzida para latim e vertida depois para castélhano.»³

Gayangos traz uma exposiçáo abreviada do argumento da redacção arabe da *Donzella Theodora*, cujo titulo é: *Historia da Donzella Theodora e do que aconteceu com um estrologo, um ulema e um poeta na córte de Harún Ar-Raxid*⁴. Eis o argumento: «Um opulento mercador e droguista de Bagdad comprou uma escrava de tenra idade, e a educou com particular esmero, ensinando-lhe não só os trabalhos e prendas proprias de seu sexo, se não tambem as sciencias mais abstractas e reconditas, sendo tal a sua disposiçáo e tão grandes os seus progressos, que com grande brevi-

¹ *Bibliotheca Nov.*, t. 1, p. 9.

² *Bibl. ant. de Escripores aragonezes*, t. II, p. 364. Ap. Tick.

³ *Historia de la Litteratura española*, t. II, Adiciones y Notas, p. 557.

⁴ *Quissat chariat Tudur gua ma cana min haditsiha maá-munachem, gua-l-álem gua-u-nadham fi hadhrati Harun Er-Raxid.*

dade chegou ao ultimo gráo de perfeição e sabedoria. Andando o tempo, o mercador, que tinha pela sua escrava e pupila o amor mais terno, viu-se reduzido á miseria em consequencia de uma especulação arrojada que lhe arrebatou de uma só vez todas as riquezas. N'estes apuros decidiu-se, depois de ter consultado a sua propria escrava e a seus amigos e parentes mais proximos, a ir offerecel-a ao Califa, e utilizar-se na sua necessidade do preço que por ella lhe dêsse. Para este fim vestiu-a com as suas melhoras roupas, adornou-a com ricas joias, e tendo solicitado uma audiencia, apresentou-se com ella na côrte do Califa, expoz o motivo que ali o trazia, os varios dotes que adornavam a sua escrava, as sciencias que possuia, e concluiu pedindo por ella dez mil dinheiros de ouro (dez mil dobras de bom ouro vermelho, diz a relação castelhana.) O Califa assim que viu Theodora, ficou muito cativado da sua formosura; porém parecendo-lhe exorbitante o preço que o mercador pedia por ella, propoz sujeital-a a um exame rigoroso, offerecendo pagar por ella as dez mil dobras pedidas se saisse bem da prova, e no caso contrario dar só mil, preço que lhe pareceu justo e rasoavel. Aceite a proposta pelo mercador, Harún Ar-Raxim mandou logo vir á sua presença um celebre Doutor e poeta chamado Ibrahim (a novella castelhana chama-lhe Abraham o Trovador), o maior letrado dos seus reinos, assim como a outros dois, um grande theologo e moralista, philosopho, e o outro mestre nas sete artes liberaes. Todos tres foram vencidos pela discreta Donzella na disputa ou Certamen que na presença do Califa e da sua côrte se entabolou, resultando por ultimo, que este não só pagou por ella as dez mil dobras pedidas, senão que por um d'aquelles rasgos de generoso desprendimento que os escriptores arabes se comprazem tanto a attribuir-lhe, renunciou á escrava e apresentou com ella o mercador.»¹

Depois d'este argumento extraído por Gayangos, este illustré arabista conclue que é a mesma situação da novella castelhana, substituindo-se alguns detalhes accidentaes, como o mercador de Bagdad pelo mercador christão e inverosimil de Hungria; a collocação da scena em Tunis, então popular pela conquista de Carlos v; o nome de Harún Ar-Raxid é substituido pelo typo lendario de Miramolin Almanzor, das chronicas hespanholas; as questões theologicas e metaphysicas da religião mussulmana modificadas nas formulas analogas do catholicismo. As questões scientificas tem a mesma ordem que na redacção arabe. É possivel que a redacção castelhana de 1537 fosse conhecida em Portugal pela circumstancia de tambem havermos tomado parte na aventura cavalheiresca da tomada

¹ *Op. cit.*, p. 554.

de Tunis; apesar da transformação catholica da redacção latina de *Alfonso*, ainda o Index de 1624 entendeu de vel-a prohibir. Este folheto é um dos mais vigorosos nas leituras populares, e reproduz-se annualmente. Em geral os nossos livros populares derivaram-se de Hespanha, como temos visto pelo *Marquez de Mantua*, *Historia de Carlomagno* (Alcalá, 1570), *Roberto el-Diablo*, *Donzella Theodora*, o *Conde Fernão Goñsalves*, *Sete Infantes de Lara*, e a *Historia da formosa Magalona*.

Esta ultima novella pertence á influencia do romance francez sobre as litteraturas da peninsula; foi, segundo Victor Leclerc, escripta primitivamente em provençal no seculo xiv por Bernardo de Trèves, e diz-se que aos quatorze annos de idade Petrarcha retocára o texto. A edição mais antiga que se conhece em Hespanha é a de Sevilha, de 1519, com o titulo *La Historia de la linda Magalona, fija del rey de Napoles, y del muy esforçado cavallero Pierres de Provença*. O livreiro Jacob Cromberger, allemão, trabalhava em Portugal por 1521, e portanto é de crêr que esta novella se vulgarisasse desde o segundo quartel do seculo xvi; é ainda hoje um dos livros do povo mais apetecidos¹. Filinto Elysio cita-a com o nome que lhe deu o povo, *Formosa Mangalona*.

A parte original da Litteratura popular do seculo xvii é menos fecunda; era impossivel a victoria contra os Indices Expurgatorios e contra a invasão castelhana. Ainda assim alguns d'esses opusculos conservaram a sua popularidade até ao fim do seculo xviii. No folheto intitulado *Escudo apologetico*, de 1732, cita-se o *Auto da Fortaleza*; a este mesmo se refere Filinto Elysio (*Obras*, t. iv, p. 236):

E constrictas choravam maviosas
Ao lerem a *Divina Fortaleza*

Em uma nota accrescenta: «Certo Auto impresso que começa:

A fortaleza divina
Grandemente áqui tremen.

«Nunca o li (quando era pequeno,) a minha mãe e a sua comadre Maria Antonia, que lhe não escorressem as lagrimas em pinga, etc.» Filinto refere-se aqui, bem como o annuncio do *Auto da Fortaleza* ás coplas em redondilhas, que vem no capitulo ii do *Tratado dos Passos, que se andam na Quaresma*, pelo padre Frei Rodrigo de Deus, guardião do Convento de Nossa Senhora da Arrabida, natural de Bretiande, junto a Lamego. Impresso em Lisboa, por Pedro Craesbeck, 1618; acham-se a fl. 35 a 60 e começam:

¹ A ultima edição é a do Porto de 1859 (*Livraria do povo*, n.º 12.)

A fortaleza divina
Grandemente aqui tremeu,
A alegria dos Anjos
Muito aqui se entristeceu.

Aos discipulos mandou
Que o esperassem aqui,
E vigiassem por elle
Emquanto foi orar ali. etc.

Os versos não primam pela belleza, mas incutiram-se no gosto do povo fanatisado pelas via-sacras e bandeiras da santa doutrina. O *Colloquio dos Pastores*, onde se imita a linguagem popular é um Auto, digno representante da Escola nacional de Gil Vicente; Filinto ainda o cita nos versos:

E eu fui um d'esses
Que no *Auto dos Pastores* e mais outra
Fiz meu papel a gosto dos visinhos.
(Obras, t. iv, 236.)

Esta parte da litteratura popular completava-se com os espectaculos dos presepios, a que pertence tambem a manifestação semi-popular das Lôas:

Ou c'os Zagaes, c'os Reis se compozeram
Do nosso Redemptor na fausta Aurora
Lendo *Lôas*, que no Natal divino
Em tempos mais singelos que os de agora
Diante de presepios mui vistosos
Representámos já. (Fil. *ib.*)

O *Fidalgo aprendiz*, de D. Francisco Manuel de Mello, o *Auto do Cazeiro de Alvalade*, e algumas *Sylvas* de Francisco Lopes Livreiro conseguiram popularisar-se chegando até ao meado do seculo xviii. As Coplas ou *Trovas da Menina formosa*¹, que começam:

Menina formosa
Dizei de que vem
Serdes rigorosa
A quem vos quer bem,

foram bastantes vezes glosadas, e a sua fôrma em redondilha menor, sympathica ao ouvido popular, fez com que se vulgarisassem a ponto de serem citadas como allusão proverbial. Entre os escriptores do seculo xvii o que teve o tino de fazer-se querido do povo foi Francisco Lopes cujas quintilhas devotas foram assimiladas pelo povo em romances populares, como o *Milagre de Santo Antonio* e a *Princeza de Leão*².

(Continúa).

THEOPHILO BRAGA.

¹ Vid. *Antologia portugueza*.

² *Floresta de Romances*.

A CREAÇÃO DO HOMEM

ESTUDO COMPARATIVO DAS TRADIÇÕES COSMOGONICAS

O espirito critico que desde o seculo xvi se desenvolve na Europa e que foi gradualmente apossando-se de todos os ramos dos conhecimentos humanos, pela eliminação do sobrenatural e da metaphysica e pela systematisação dos phenomenos naturaes, estabeleceu como bases de todas as sciencias, a observação e a experiencia. Tudo quanto não assente n'estas bases, tudo o que não se subordine ao methodo scientifico, está *ipso facto* condemnado pela razão e banido irremediavelmente da sciencia positiva. O rigor d'este methodo tem dado um impulso vigoroso e extraordinario ao espirito humano; começando por constituir em sciencia astronomica a velha astrologia, em physica a theurgia e em chimica a alchimia, chegou no seculo actual a submeter aos processos scientificos e philosophicos os complicados phenomenos sociaes, pela formação da Sociologia abstracta e das sciencias concretas que entram no vasto plano d'este ramo dos conhecimentos humanos.

Desde o momento que esta parte da sciencia geral, a mais complexa e difficil, se submetteu ao criterio positivo, foi a Providencia banida da historia, e a revelação divina posta de lado; por seu turno o sobrenatural e as religiões reveladas foram entregues á analyse e á critica scientifica, estudadas e avaliadas como um producto da evolução humana, e entraram na grande massa de phenomenos sociologicos, sujeitos á classificação e ao exame.

A Biblia perdeu a sua auctoridade diante das investigações anthropologicas e geologicas, que fizeram recuar a antiguidade do homem e do mundo muito para lá dos cinco ou seis mil annos que lhes attribue o *Genesis*. Boucher de Perthes descobriu uns machados de silex nas camadas terciarias dos arredores de Amiens e Abbeville e em 1838 e 1839 apresentou-os ás sociedades scientificas de Amiens e de Paris, mas só quinze annos depois começaram os

sabios a ver n'elles instrumentos primitivos do homem. Por toda a parte se fizeram descobertas identicas e encontraram-se utensilios e armas, fabricados por mãos humanas, em cavernas e nos leitos dos rios de mistura com ossos de antigos animaes, como esqueletos de mastodontes, de hippopotamos, de megalonyx, de mammoth, etc. A mandibula de Moulin Quignon, encontrada em 28 de março de 1863, veio confirmar a opinião dos sabios e em seguida milhares de descobertas têm vindo certificar a existencia do homem fossil. A archeologia prehistorica prova-nos a existencia da humanidade não só na epoca quaternaria, mas ainda na epoca terciaria, pelo menos no seu periodo pliocene; tambem se têm encontrado vestigios nas camadas miocenes do terreno terciario, mas ainda se levantam duvidas sobre esses primeiros esboços da industria humana, porque são silex talhados de um modo demasiadamente grosseiro. Hamy, no seu *Précis de Paleontologie humaine*, acha que o meio que viu apparecer o hylobate e o dryopitheco, anthropomorphos muito visinhos do homem, era tambem favoravel para o desenvolvimento do genero humano. Quer o homem apparecesse no periodo miocene, quer no pliocene, o que é certo, é que aos cinco ou seis mil annos, que tem a humanidade segundo o *Genesis*, se têm de acrescentar muitos e muitos milhares para recuar a antiguidade do homem até á epoca terciaria em que se encontram vestigios da sua existencia. Alguns auctores deligenciam pôr de accordo a Biblia com as descobertas scientificas e convertem ou interpretam os seis dias da criação como seis periodos de longos seculos.

A Biblia, porém, perdendo o character sagrado que lhe dava a revelação divina, apesar de todos os esforços e de todos os sophismas mais ou menos habeis dos sabios catholicos, tornou-se um documento tradicional como todas as Cosmogonias e Theogonias do mundo antigo; se perdeu a sua importancia como historia da criação e das origens da humanidade, conserva-a como valioso subsidio para a historia das tradições primitivas. O estudo comparativo da Biblia com as Cosmogonias dos outros povos mostra tão evidentemente o fundo commum que o catholico Lenormant confessa no prefacio de *Les origines de l'histoire*: «O que lemos nos primeiros capitulos do *Genesis*, não é uma narração dictada pelo proprio Deus e cuja posse tenha sido o privilegio exclusivo do povo escolhido. É uma tradição cuja origem se perde na noite dos tempos os mais afastados, e que todos os grandes povos da Asia anterior possuíam em commum com algumas variantes.» Esta verdade é tão incontestavel que chegou a convencer um catholico como o sabio Lenormant. Effectivamente o *Genesis* não se distingue das velhas Cosmogonias senão pela sua redacção mais moderna e pelo character mo-

notheista que lhe imprimiram, procurando afastal-o do naturalismo ou do polytheismo predominante entre os Egypcios, Chaldeos, Phenicios, etc. O dr. Kuenen, professor de theologia na universidade de Leyde, no seu livro sobre a religião de Israel, pela analyse do Velho Testamento chegou á conclusão que o polytheismo precedeu o monotheismo entre os hebreus, que era mesmo a religião popular, ao passo que a adoração exclusiva de Jehovah ou Yahveh foi principalmente obra dos prophetas. Em todo o caso a redacção actual do *Genesis* foi feita sobre dois textos anteriores. O proprio Lenormant não crê «possivel sustentar durante mais tempo a these do que se chama unidade de composição dos livros do Pentateuco. Na minha convicção de sabio, um seculo de estudos de critica extrinseca e intrinseca do texto conduziram n'este ponto a resultados positivos, que não aceitei sem custo, mas á evidencia dos quaes tive por fim de me submeter.»¹ Estes dois textos, que o mesmo sabio distingue pelos nomes de elohista e jehovista, foram reunidos e ligados sem criterio, como tivemos occasião de observar.

Approximando e comparando as Cosmogonias e Theogonias dos povos antigos vemos predominar principalmente duas correntes tradicionaes; uma corresponde aos povos semitas e ao elemento kuschita, e a outra pertence em especial ás raças áricas. A primeira é do Egypto, da Chaldea, da Babylonia, da Assyria, da Judéa, da Phenicia; a segunda é da India, da Persia, da Grecia, da Italia, dos Scandinavos e dos Germanos.

Não podendo fazer a comparação de todas as tradições comuns aos povos da antiguidade, porque isso seria obra para volumes e demandava um trabalho muito sério, para que não nos achamos habilitados, limitar-nos-hemos a fazer algumas comparações sobre a criação do homem, como é narrada no *Genesis* e nas tradições dos outros povos antigos.

Começaremos por traduzir alguns versiculos do *Genesis*, da versão dada por Lenormant em *Les origines de l'histoire*:

«Capitulo I, 1. No principio Élohím creou os céos e a terra.

2. E a terra era um deserto e um chaos vasio; as trevas cobriam a superficie do abysmo e o sopro de Élohím movia-se sobre as aguas.

3. Élohím disse: «Que a luz seja!» e a luz foi.

.....
12. E a terra produziu a verdura, a herva dando semente segundo a sua especie, e a arvore dando o fructo que tem em si a semente, segundo a sua especie.

¹ *Les Origines de l'histoire*, x.

.....
 24. E Élohîm creou os grandes monstros marinhos e todos os seres vivos e serpejantes de que estão cheias as aguas, segundo as suas especies, e tambem todo o passaro alado, segundo a sua especie. E Élohîm viu que isto era bom.

.....
 25. E Élohîm fez os animaes selvagens da terra, segundo as suas especies, o gado, segundo a sua especie, e todo o reptil do solo terrestre, segundo a sua especie. E Élohîm viu que isto era bom.

26. Élohîm disse: «Façamos o homem á nossa imagem, conforme á nossa semelhança, e què domine sobre os peixes do mar, sobre os passaros dos céos, sobre o gado, e sobre toda a terra e sobre todo o reptil que se arrasta sobre a terra!»

27. E Élohîm creou o homem á sua imagem; á imagem de Élohîm elle o creou; macho e femea elle os creou.

.....
 Capitulo II, 4. No dia em que Yahveh Élohîm fez a terra e os céos,

5. nenhum arbusto dos campos havia ainda sobre a terra, nenhuma herba dos campos havia ainda germinado, porque Yahveh Élohîm não tinha ainda feito chover sobre a terra, e não havia homem para cultivar o solo;

6. mas uma nuvem levantou-se da terra e regou toda a superficie do solo.

7. E Yahveh Élohîm formou o homem da poeira do solo e asoprou-lhe nas ventas o sopro da vida e o homem foi feito ser vivo.

8. E Yahveh Élohîm plantou um jardim no Eden, do lado do Oriente, e collocou ahí o homem, que tinha formado.

9. E Yahveh Élohîm fez brotar do solo toda a arvore agradavel de ver e boa de comer, e a arvore da vida no meio do jardim e tambem a arvore da sciencia do bem e do mal.

.....
 19. E Yahveh Élohîm formou de terra todos os animaes dos campos e todos os passaros dos céos, e elle os levou ao homem para ver como elle lhes chamaria; e como o homem chamasse um ser vivo, tal devia ser seu nome.

.....
 21. Então Yahveh Élohîm fez cair um profundo somno sobre o homem e elle adormeceu; tomou um de seus lados e fechou o logar d'elle com carne.

22. E Yahveh Élohîm formou do lado que tomara ao homem a mulher e levou-a ao homem.»

N'estes dois primeiros capitulos do *Genesis* vemos a mesma tradição descripta de dois modos differentes. No capitulo I Élohîm cria pela sua vontade e palavra depois da luz a verdura, o arvoredo, os monstros marinhos, os reptis, os passaros, os animaes selvagens e por fim o homem á sua imagem, macho e femea; no capitulo II Yahveh Élohîm fórma o homem da poeira do solo e dá-lhe a vida, depois planta um jardim e fórma de terra os animaes dos campos, os passaros, etc., e por fim fórma a mulher de um lado do homem. Assim Deus que no primeiro capitulo tem o aspecto espirital do monotheismo, toma no segundo as proporções bastante materiaes de um demiurgo. Esta differença entre os dois livros primitivos que entraram na redacção definitiva do *Genesis* é bem palpavel; os mais recentes criticos e entre elles Lenormant crêem que o texto jehovista é muito anterior ao elohista, o que effectivamente parece pela fórma um tanto material do Yahveh Élohîm em opposição á espiritalidade de Élohîm no primeiro capitulo. Estas tradições da criação vamos encontral-as mais desenvolvidas nas Cosmogonias dos outros povos do Oriente, o que nos prova a sua maior antiguidade, do que o Pentateuco, onde se nota já um trabalho de purificação gradual para o monotheismo dos prophetas. Mesmo o texto definitivo do *Genesis* não deve ser anterior á volta do captiveiro.

A tradição chaldaica, segundo um extracto de Beroso¹, conta da seguinte fórma a criação do mundo e do homem: «Houve um tempo em que tudo era trévas e agua, e n'este meio geraram-se espontaneamente animaes monstruosos e as figuras mais particulares: homens com duas azas, e alguns com quatro, com duas faces, com duas cabeças, uma de homem e outra de mulher, sobre um corpo só, e com os dois sexos a um tempo; homens com pernas e chavelhos de cabra ou pés de cavallo; outros com membros posteriores de cavallo e os dianteiros de homem, semelhantes aos hippocentauros. Havia tambem touros de cabeça humana, cães de quatro corpos e de cauda de peixe, cavallos com cabeça de cão, homens egualmente com cabeça de cão, animaes com cabeça e corpo de cavallo e cauda de peixe, outros quadrupedes nos quaes se confundiam todas as fórmas animaes, peixes, reptis, serpentes, e todas as especies de monstros maravilhosos, apresentando a maior variedade nas suas fórmas, cujas imagens se vêem nas pinturas do templo de Bêlos (*Bel-Maruduk*). Uma mulher chamada Omoroca (*Um-Uruk*, a mãe de Uruk) presidia a esta criação; ella na lingua

¹ Por Alexandre Polyhistor—Syncell. 29; Eusebio, *Chronic. armen.* 10, ed. Mai; apud Lenormant, ob. cit. 506.

dos Chaldeos tem o nome de Thavatth (*Tiamat*), que significa em grego *o mar*; identificam-a também á lua.

Estando as cousas n'este estado Bêlos appareceu e cortou a mulher em duas metades; da metade inferior do seu corpo fez a terra, e da superior o céu, e todos os seres que estavam n'ella desapareceram.

.....

Bêlos, que os Gregos interpretaram por Zeus, tendo dividido as trévas, separou o céu e a terra e ordenou o mundo; e todos os seres animados que não podiam supportar a acção da luz pereceram. Bêlos, vendo a terra deserta, apesar de fertil, ordenou a um dos deuses que lhe cortasse a cabeça, e amassando o sangue que corria com a terra formou os homens e os animaes que podem viver ao contacto do ar.»

Por esta extraordinaria cosmogonia vemos que primitivamente havia mar e trévas, onde viviam todas as especies de monstros, que se extinguiram quando Bêlos trouxe a luz; então este demiurgo com o proprio sangue amassou terra de que formou os homens e os animaes. O homem pois foi formado de terra como na tradição jehovista ¹.

O cahos primitivo n'esta cosmogonia está descripto por extenso, como uma habitação de monstros e animaes desconformes, o que nos parece a pintura das impressões do homem em face da natureza terciaria ou quaternaria, quando viviam mammiferos de proporções e fórmassas assombrosas, como o mastodonte, o hippopotamo, o rhinoceronte, o grande touro, o mammoth, o urso das cavernas, o tigre gigantesco, etc., que o homem combatia com as rudes armas de silex. Crêmos que tanto as cosmogonias como as theogonias fabulosas dos povos da antiguidade são um resultado tradicional da impressionabilidade humana. Nos documentos d'essas epocas que vieram até nós traduzidos em grego e sob o nome de Sanchoniathon encontram-se vestigios d'esta realidade; por exemplo, n'uma grande theogonia, sob a fórmula de narração épica,

¹ *Alpa camasca*—terra animada—é o nome do primeiro homem na cosmogonia do Perú. Os Mandans, da America do Norte, contam que o Grande Espirito formou duas figuras de barro, que animou com o sopro da sua bocca, e deu a uma o nome de *primeiro homem* e á outra o de *companheira*. Taeroa, deus do Taiti, fez o homem de terra vermelha. Entre os Dayaks de Bornéu também é tradicional que o homem foi moldado de terra. (Lenormant, *ob. cit.*, p. 40 e *Hist. anc. de l'Orient*, v. 1, p. 13.) Os Kumis de Chittagony pensam que certo deus fez o mundo, as arvores e os reptis e começou a formar de barro um homem e uma mulher, mas de noite, enquanto o deus dormia, vinha uma grande serpente devorar a obra começada. O deus então creou um cão que expulsou a serpente e elle ponde terminar a criação do homem. (Lewin, *Hill Tracts of Chitt.* p. 90, apud Lubbock *Orig. de la civ.* p. 378.)

que parece ter sido de Byblos, lê-se: «... o Altissimo ('*Eliùn*), tendo sido morto na lucta com os animaes selvagens, foi divinizado e seus filhos instituiram em honra sua libações e sacrificios.»¹ Não será uma recordação d'aquella epoca tenebrosa, em que os nossos antepassados, selvagens e brutaes, combatiam aquelles animaes gigantes e ferozes, ora vencendo, ora succumbindo na lucta?

N'um dos tijolos com caracteres cuneiformes, existentes no Museu Britanico, está um pedaço da tradição do sanctuario de Kuti sobre os monstros que se desenvolveram no cahos antes da criação, ou da separação da luz das trevas, e que pereceram por não poderem supportar a claridade, como se lê no extracto de Beroso por Alexandre Polyhistor já citado.

Na primeira cosmogonia phenicia do Sanchoniaton de Philon de Byblos encontra-se a seguinte descripção da origem das cousas:

«Quando o Sopro (do vento—*Rûa'h*) se namorou de seus proprios principios (chaos) fez-se uma mistura, e este ajuntamento chamou-se Desejo (*Hipeç*). Foi o principio da criação de todas as cousas e não conhecia a sua propria criação. E d'este ajuntamento do Sopro nasceu Môt (*Mûth*), que alguns definiam como um lodo ou a putrefacção de uma mistura aquosa. E d'este lodo saiu toda a semente (*zera'*) de criação e a geração de todas as cousas.

«Havia ahi (no Môt) seres vivos ('*hêûth*) privados de sentimentos, dos quaes nasceram os seres intelligentes, e eram chamados Zophêsamia (*Çophê-schamém*) isto é Contempladores do céu.

.....

«E os animaes intelligentes despertaram ao fragor dos trovões, assombrados pelo estrepito, e o macho e a femea, começaram a mover-se sobre a terra e no mar.

.....

«Estes seres cosmicos (o sol, a lua, as estrellas e os ventos) são aquelles a que os primeiros (homens) consagraram os productos da terra, que consideraram como deuses e que adoraram, porque tiravam d'elles a sua vida, elles e seus descendentes, offerecendo a estes deuses libações e sacrificios.

.....

«Do vento Colpias (*Qól péa'h*, a voz do vento) e de sua mulher Baau (*Bahû*), que se interpreta pela noite, nasceram Æon (feminino '*Havâth*) e Pròtogenos (*Adâm Qadmûn*), homens mortaes assim chamados; e foi Æon que inventou nutrir-se do fructo da ar-

¹ Eusebio, *Præpar. evangel.* 1, 10. Sanchoniathon, p. 24. apud Lenormant, ob. cit. 342.

vore. Os que nasceram d'elles chamaram-se Génos e Généa (*Qén* e *Qénath*) e habitaram a Phenicia.»¹

N'esta cosmogonia não ha a vontade de um deus ou a emanação dividida, não ha tambem um demiurgo formando os animaes e os homens de poeira da terra como no capitulo II da Biblia, ou de terra e sangue como na cosmogonia chaldaica. Aqui a vida sae do lodo, da mistura aquosa produzida pelo sopro do vento sobre as aguas, e os *seres intelligentes* saem dos *seres vivos privados de sentimentos*; portanto o homem é obra da natureza, veio por derivação dos seres inferiores, que tiveram origem no lodo; a intelligencia foi despertada pelo assombro, pelo susto causado pelo ribombar do trovão.

O demiurgo n'esta cosmogonia phenicia é substituido pela acção natural, e a ordem da appareição dos seres vivos é a do primeiro capitulo do *Genesis*, — os racionais vêm depois dos irracionais. Mas parece haver uma segunda criação, porque da união de Colpias, o vento, e Baau, a noite, nascem Protogonos e Æon, identicos a Adão (*Adâm*) e Eva (*Haváh*) do Pentateuco.

Nos restos de uma epopêa cosmica encontrada por George Smith, distincto assyriologo, n'uns tijolos descobertos em Ninive e existentes no Museu Britanico, conta-se a obra da criação principiando pela geração dos deuses saídos do cahos e continuando com os actos da criação pela ordem que têm no primeiro capitulo do *Genesis*. No grande poema de Izdhubar, pertencente ao povo assyrio, encontra-se o seguinte verso posto na bocca da deusa Ischtar, quando tem lugar o diluvio: «Eis que a humanidade *voltou* (*itur*) ao limo,» e mais adiante o poeta repete: «E toda a humanidade *voltara* (*itura*) ao limo.»² O verbo *voltar* empregado aqui exprime que a humanidade *saira* primitivamente do limo.

Entre os Egypcios tambem existia a tradição, de que o homem saíra da putrefacção aquosa ou do lodo, como entre os Phenicios³. N'um fragmento de Pindaro⁴ lê-se que «o limo fecundante abandonado pelo Nilo, sob a acção vivificante do aquecimento dos raios solares, tinha feito germinar os corpos dos homens.» No mesmo fragmento se diz que as tradições da Libya faziam «sair das planicies aquecidas pelo sol Iarbas, o primeiro dos humanos, que se

¹ Eusebio *Præpar. evangel.* 1, 10. Sanchoniathon, p. 8-18. ed. Orelli, apud Lenormant, ob. cit. 536 e seg.

² Lenormant—*Les orig. de l'hist.* pag. 397-8 e 611-2.

³ Entre os Cafres Bassutos da Africa austral, segundo E. Cazalis, existe tambem a tradição de que o primeiro homem saiu de um pantano, coberto de canas.

⁴ *Philosophumena* v. 7, p. 97, ed. Miller; Censor. *De die natal.* 4; Justin. II, 1, apud Lenormant, ob. cit. pag. 39.

nutriu das glandes doces do carvalho.» Segundo a mythologia egypcia os homens emanavam do olho do deus *Rá-'Har-em-akhuti*, ou o sol, e soffriam depois uma operação demiurgica para se terminar a sua formação e para receberem a alma¹. O demiurgo entre os Egypcios era Khnum, representado em alguns monumentos da antiguidade no acto de amassar o barro para fabricar o homem.

A tradição da formação do homem de barro approxima-se das precedentes, particularmente da chaldaica e da jehovista. Ha mais a notar que o «verbo *yacַar*, de que se serve o texto biblico para designar esta formação do homem e dos animaes, segundo affirma Lenormant², é propriamente o que define a operação do oleiro moldando o barro, apertando-o entre os dedos.»

Esta tradição tambem foi conhecida dos Gregos. Prometheu moldou o homem em barro na origem das cousas, segundo Ovidio nas *Metamorphoses*, ou depois do diluvio, segundo outros auctores. Mas Prometheu, que nos apparece aqui como um demiurgo subalterno, não é nas principaes tradições da Grécia o auctor do homem, mas o que o animou com o fogo que foi roubar ao céu, merecendo por este facto a perseguição dos deuses que o prenderam no monte Caucasos, onde um abutre lhe roía as entranhas. Lenormant crê, que aquella tradição do Prometheu, que fórma de barro o primeiro homem, foi «o producto de uma introdução de ideias estrangeiras» porque não se encontram vestigios d'ella senão na epoca romana, em que teve grande popularidade, chegando a ser traçada nos sarcophagos³. Os Gregos são de raça árica e portanto a corrente tradicional é diversa da dos povos egypcio, chaldéo, assyrio e hebreu.

Para os povos da raça árica o homem em vez de nascer do limo ou lodo marinho, ou de ser formado de poeira da terra, ou de barro, é filho dos troncos das arvores⁴, como se vê nos *Vedas* da India e entre os Iranianos da Persia e da Bactriana.

N'uma cosmogonia escripta em lingua pehlevia e intitulada *Bundéhesch*, cuja redacção é posterior á conquista da Persia pelos arabes, mas cujo character indigena é reconhecido pelos criticos mais competentes, conta-se que Ahuramazdá, o deus grande e bom, terminou a creação por Gayômaretan, o homem modelo, e o touro modelo, que viveram durante 3:000 annos n'um estado beatifico,

¹ Lenormant, ob cit. p. 39.

² Idem. 43 nota.

³ Idem 47-48.

⁴ Tambem os Lemi Lenape dizem que Manitu, que no principio nadava sobre as aguas, depois de fazer a terra de um grão de areia, tirou do tronco de uma arvore o homem e a mulher. (Muller, *Gesch. d. Amer. Urrelig.* 107, Lubbock, ob. cit. 375.)

até que o espirito mau, Angrômainyus matou primeiro o touro e trinta annos depois o homem. A semente de Gayômaretan, espalhada sobre a terra no momento da morte, produziu passados quarenta annos uma planta de *reivas*, que é empregada como alimento pelos Iranianos. A haste d'esta planta formava dois corpos de sexo differente, unidos um ao outro pela parte posterior. Ahuramazdâ dividiu-os e dando-lhes movimento creou Maschyâ e Maschyâna, os progenitores da humanidade ¹.

Nos *Eddas* refere-se que Odin e seus irmãos Hoenir e Lodur encontraram n'um caminho dois troncos de arvore, um freixo e um amieiro, e deram-lhe: o primeiro, a vida; a intelligencia, o segundo, e o sangue e a bella apparencia, o terceiro; assim formaram os deuses o primeiro homem e a primeira mulher, segundo a mythologia scandinava.

Nas mais velhas tradições gregas os homens haviam saído dos troncos dos carvalhos; entre os italiotas era vulgar a mesma tradição, que ainda se acha em Virgilio, quando diz:

Tum rex Evandrus, romanæ conditor arcis :
 Hæc nemora indigenæ fauni nymphæque tenebant,
 Gensque virûm truncis et duro robore nata,
 Queis neque mos, neque cultus erat, nec jungere tauros,
 Aut componere opes nôrant, aut parcere parto ;
 Sed rami, atque asper victu venatus alebat.

(*Eneida* VIII, v. 313-318.)

Tambem entre os Germanos, segundo J. Grimm, existia esta tradição, commum a todos os povos da raça árica.

De tudo quanto deixamos dito conclue-se que nas mais antigas civilisações orientaes, entre os Egypcios, os Chaldeos, os Hebreus e os Phenicios, era commum a mesma tradição da origem do mundo e do homem, tradição que veio até nós sob uma fórma mais primitiva nas cosmogonias egypcias, chaldaica e phenicia e mais modificada nas duas variantes do texto biblico; o homem, formado da poeira do solo, ou de terra amassada com sangue divino, é, nas tradições mais antigas, ou mais desenvolvidas, germinado no limo, ou derivado de seres inferiores gerados em putrefacções aquosas. Emquanto as cosmogonias kuschitas e semitas dão esta origem ao homem primitivo, as tradições áricas fazem-no sair dos troncos das arvores. Estas duas correntes tradicionaes vieram a misturar-se na Grecia sob o dominio romano, quando se deu o syncretismo de que havia de sair uma nova religião—o christianismo—formada de elementos tradicionaes áricos e semitas, combinados com a moral dos philosophos gregos.

¹ Lenormant, ob. cit. 51-2.

Uma outra tradição, de que se encontram vestígios entre muitos povos da antiguidade sem distincção de raça, é a do hermaphroditismo primordial. O primeiro ser foi androgyno, como se deduz do versículo 27, primeiro capitulo, do *Genesis*: «Élohîm creou o homem á sua imagem; á imagem de Élohîm elle o creou; macho e femea os creou;» o que se repete e confirma no capitulo V (tambem redacção elohista): «No dia em que Élohim creou o homem, fel-o á semelhança d'Élohîm;

«2. Macho e femea elle os creou e os abençoou e os nomeou de seu nome Adâm no dia em que foram creados.» No capitulo II, redacção jehovista, versiculos 21 e 22, Yahveh Élohîm fórma a mulher de um lado do homem, o que confirma aquella opinião sobre a redacção elohista da Biblia. Na cosmogonia da Chaldea, do extracto de Beroso, vimos entre os monstros que povoavam o cahos homens «com duas faces, com duas cabeças, uma de homem e outra de mulher, sobre um corpo só, e com os dois sexos a um tempo.» Ahuramazdá, no livro do *Bundehesch*, como deixamos já mencionado, sepára Maschya e Maschyâno, primitivamente unidos um ao outro. No *Çatapatha Brahmana*, da India, tambem se encontra a tradição de que o primeiro ser era hermaphrodito, tendo duas faces, separadas depois pelo poder creador¹.

Esta unidade fundamental das tradições cosmogonicas de todos os povos da antiguidade, prova, emquanto a nós, a transmissão successiva de geração em geração de phenomenos naturaes que deixaram uma impressão profunda nos cerebros humanos. As confusas e extraordinarias cosmogonias e theogonias são um producto do syncretismo das primitivas tradições da humanidade, cuja significação natural se perdeu com o andar dos seculos, vindo mais tarde a formarem os vastos systemas das origens das cousas e dos deuses. Quanto mais antiga é a tradição escripta que se conhece, no original ou em traducção, tanto mais profundo é o seu character naturalista. O Yahveh Élohîm era na sua origem, como muito bem o provou o dr. Kuenen, um deus da luz ou do sol; era um fetiche, que pouco a pouco perdeu a materialidade até que se tornou o deus uno e espirital de Israel. O fetichismo grosseiro está verdadeiramente mais proximo da realidade do que as religiões superiores e metaphysicas, em que se converte.

A criação ou a origem da humanidade tornou-se para os homens de sciencia um problema insolúvel; as cosmogonias e theogonias perderam o character sagrado que lhes dava a revelação divina, porque o methodo positivo, a observação e a experiencia,

¹ Muir, *Sanskrit texts*, t. 1, 25, apud Lenormant, ob. cit. pag. 52.

é o unico meio de se chegar ao conhecimento da verdade. As sciencias desenvolveram-se nos ultimos tempos de um modo assombroso, as descobertas archeologicas e paleontologicas succedem-se sem cessar, a embryologia constituiu-se em sciencia, mas apesar de tudo, com rigor scientifico, nada se póde assentar de positivo sobre a origem do homem. Comtudo a admiravel theoria de Darwin, levada por Hæckel ás suas ultimas consequencias, basea-se em dados positivos e é uma hypothese scientifica, que não tem ainda contra si nenhuma objecção séria, e cujos argumentos favoraveis augmentam diariamente. Falta-lhe, porém, a comprovação por meio de factos experimentaes no campo do transformismo e da selecção natural, factos impossiveis talvez de se obterem por falta de um factor indispensavel e essencial—o tempo.

Uma observação interessante e que não póde passar desapercibida é a notavel concordancia das tradições cosmogonicas com a bella genealogia humana estabelecida hypotheticamente por Hæckel¹, com o apoio da anathomia comparada, da embryologia e da paleontologia. Segundo a theoria genealogica do sabio allemão, alguns elementos de carbone, de oxygenio, de hydrogenio e de azoto encontraram-se na epoca laurenciana em condições de produzirem as primeiras cellulas vivas. O meio em que se produziram, chamado *protoplasma*, era uma especie de limo ou de putrefacção aquosa. As cellulas segmentaram-se, multiplicaram-se, aggregaram-se e começaram a formar orgãos e animaes vertebrados, nos quaes se distinguiram successivamente a espinhal medula, a *chorda dorsalis*, o cerebro, o craneo, os membros, as mandibulas, etc., e foram-se adaptando á vida terrestre até que no periodo miocene surge o anthropoide e depois o homem-macaço que se elevou pelo desenvolvimento da linguagem, e por conseguinte do cerebro, á especie verdadeira de *homo*, no periodo pliocene, quando já fabricava instrumentos e utensilios rudimentares de silex, osso e barro. Esta theoria do transformismo desenvolvida por Hæckel, fundada por Lamarck, Darwin e Wallace, bosquejada anteriormente por Maillet e Robinet, e prevista por Diderot, por Charles Bonnet, e mesmo em tempos antigos por Epicuro, encontra-se na verdade applicada na cosmogonia phenicia, onde se lê que do «lodo saiu toda a semente de criação e a geração de todas as cousas,» e que «havia ahi seres vivos privados de sentimentos, dos quaes nasceram os seres intelligentes...» Como vimos, as demais cosmogonias approximam-se d'esta, que é talvez a mais primitiva.

TEIXEIRA BASTOS.

¹ *Histoire de la création des êtres organisés d'après les lois naturelles.* tr. fr. Paris 1874.



AS SOBREXCITAÇÕES

DA ACTIVIDADE CEREBRAL

I

O emprego do acido chromico para endurecer a substancia cerebral, dos aparelhos microscopicos para a analysar na sua infinita estructura e da photographia para a reproduzir assim ampliada, e a observação dos phenomenos pathologicos das funcções cerebraes, deram á sciencia moderna a base não só para determinar a evolução da sensibilidade, da intelligencia e da vontade, localisando as actividades nervosas em centros especiaes, mas ainda para examinar os complexissimos elementos histologicos da cellula nervosa. Sabe-se que o cerebro é assim constituido:

Dois lobulos ou hemispherios, que estão reunidos um ao outro por uma serie de fibras brancas transversaes, chamadas *commisurantes*. A periphèria é composta de uma substancia cinzenta, chamada *camada cortical*, que se fórma de muitos milhares de cellulas unidas entre si por fibras nervosas; nas regiões centraes acham-se dois ovoides de substancia cinzenta, o *thalamo optico* e o *corpo striado*. No thalamo optico ha quatro pertuberancias ou centros: no centro anterior immergem as fibras do aparelho olfactivo; no centro medio as fibras do aparelho visual; no centro mediano as fibras sensitivas; no centro posterior as fibras do aparelho acustico. Além d'estes centros ha uma região cinzenta central que recebe as fibras da inervação visceral. Do thalamo optico, e, em especial, de cada centro, emergem fibras brancas convergentes, que vão perder-se em regiões tambem especiaes da camada cortical. D'estas regiões partem fibras brancas centrifugas, que vão irradiar em diferentes territorios de cellulas do corpo striado, no qual immerge ainda uma serie de fibras emanadas do

cerebello, e do qual saem os pedunculos cerebraes, que vão dispersar-se nos differentes segmentos do eixo-spinhal. Toda a substancia cerebral fórma um reticulum de cellulas e de fibras, e cada cellula um reticulum microscopico de fibrilhas. Esta disposição dos elementos nervosos explica os processos da actividade cerebral.

Os orgãos dos sentidos, isto é, as superficies sensitiva, gustativa, olfactiva, visual e auditiva, recebem pelo contacto mechanico das vibrações moleculares as impressões exteriores. Estas impressões são transmittidas pelos nervos conductores ao thalamo optico, e ahi cada uma passa por uma elaboração physiologica no centro correspondente e se transforma em sensação; a sensação é levada pelas fibras brancas convergentes ao *sensorium*, onde na região especial, por uma operação relacionadora, se torna percepção. A percepção sob a fórma de influxo excito-motor dirige-se pelas fibras brancas ás grossas cellulas do corpo striado; aqui este influxo é reforçado pelo contacto com a enervação irradiada do cerebello, e, seguindo o curso das fibras pedunculares, propaga-se ás cellulas do eixo-spinhal, que acordam a essa sollicitação nervosa, determinando os movimentos musculares.

Todos estes dados se acham plenamente comprovados pela physiologia experimental. Assim tem-se verificado que á falta de um sentido corresponde uma lesão no centro optico onde elle é localisado, e Fournié, n'uma serie de experiencias feitas sobre animaes vivos, por meio de injecções de chlorureto de zinco tinto com anilina, que têm a propriedade de destruir os tecidos do cerebro endurecendo-os, chegou a abolir tal ou tal sentido, segundo lesava tal ou tal centro optico; assim produzindo uma lesão na parte anterior do thalamo optico extinguiu o sentido do olfacto, produzindo outra no centro medio aboliu o sentido da vista. A localisação na camada cortical dos actos da volição tambem está comprovada experimentalmente. Depois de Fristsh e Hitzig terem signalado em 1870 que certas zonas da camada cortical eram excitaveis pelas correntes galvanicas, Ferrier, em animaes, e um medico americano, n'um homem que tinha uma degenerescencia no craneo deixando-lhe ver o cerebro, demonstraram que excitando electricamente tal ou tal região da camada cortical, se produziam reacções motrices sobre tal ou tal grupo de musculos isoladamente; assim, segundo a circumvolução que electrizavam, faziam mover os olhos, a lingua, o pescoço, etc.

Como vimos é por uma impressão exterior que começam as funcções cerebraes. Por exemplo: A onda sonora produz uma vibração no nervo acustico. Esta vibração toma a tonalidade physica do som que a produziu. É transmittida assim ao centro posterior do thalamo optico e transmittida em quanto persiste n'esse estado

de excitação. No centro posterior, onde se concentra, recebe uma modalidade physiologica, que se realisa pela vibração nervosa do centro posterior, provocada pela incitação sensorial. Sob essa modalidade physiologica ou sensação, é levada á periphèria e ahí definitivamente percebida e conservada na fôrma de vibração psychica. Isto mostra-nos que toda a vez que é excitada uma vibração em estado latente (nós veremos como se effectua este estado latente da vibração), quer se localise nos plexus sensoriaes, quer nas cellulas do thalamo optico, da camada cortical, do corpo striado ou da spinhal medulla, a vibração produz a mesma acção nervosa que a incitação primitiva determinou. Assim, se nós ouvimos um som, e a vibração que elle provocou no centro posterior, passado mais ou menos tempo, se repete, nós tornamos a ouvir o mesmo som, sem que tódavia elle exista no meio exterior. D'aqui as hallucinações do ouvido, da vista, etc., e d'este estado do desenvolvimènto da psychophysiologia a eliminação completa do sobrenaturalismo religioso e metaphysico em toda a serie das manifestações vitaes.

II

Vimos quaes são os processos da actividade cerebral, vimos que ella tem origem n'um simples phenomeno de sensibilidade, na receptividade das impressões exteriores, na mesma propriedade que têm as plantas e os animaes de serem sensiveis ás incitações physico-chimicas, e sabemos que as manifestações psychophysiologicas cessam de se effectuar quando a sensibilidade se perde.

Vejamos agora que propriedades possuem os elementos nervosos para conservarem na sua trama a impressão das incitações recebidas.

Pela physica sabe-se que as substancias inorganicas, especialmente as substancias phosphorescentes, têm a propriedade de conservarem em silencio, por mais ou menos tempo, o estado vibratorio em que as poz o contacto de uma incitação exterior, e sabe-se a facilidade com que estes contactos se produzem. Basta uma sombra projectada n'uma parede para deixar uma imagem, que pôde observar-se empregando os meios necessarios; bastam os processos da photographia para reproduzir todas as infinitas particularidades de um objecto. Niepce de Saint-Victor, nas suas investigações sobre as qualidades dynamicas da luz, chegou a demonstrar que as vibrações luminosas podiam ser accumuladas sobre uma folha de papel e persistir no estado de vibrações silenciosas durante um tempo mais ou menos longo, promptas a apparecer sob a influencia de um reactivo revelador. Assim elle, tendo conservado na obscuridade gravuras expostas precedentemente aos raios solares, poudè, alguns mezes depois da insolação, com o auxilio

de reactivos especiaes, revelar os traços persistentes da acção photographica do sol sobre a superficie da gravura.

É esta mesma propriedade de receber e conservar as vibrações, aperfeiçoada extraordinariamente por condições organicas de hereditariedade e de adaptação, que caracteriza os elementos nervosos. Diz o grande physiologista Luys, a quem principalmente nos soccorremos n'este trabalho: «Elles tambem são dotados de uma sorte de phosphorescencia organica, tambem são capazes de vibrar e de accumular as impressões exteriores, de persistir durante um certo tempo, como n'uma especie de catalepsia passageira, no estado vibratorio em que foram incidentemente collocadas e de fazer reviver a distancias as impressões primitivas.» (*Le Cerveau et ses fonctions*, p. 106.) A incitação visual deixa na retina a imagem que persiste de 32 a 35 segundos; a incitação auditiva, a vibração sonora que chega a prolongar-se durante muito tempo; as incitações gustativa, olfactiva e sensitiva, o estado vibratorio de certas impressões. Esta propriedade das cellulas nervosas toma um desenvolvimento progressivamente crescente nas regiões centraes do systema nervoso onde, como diz Luys, «ella apparece com caracteres de tal modo accusados, de tal modo fixos, que se pôde dizer que é ella que, na spínhal medulla, domina as manifestações da vida automatica e, no cerebro, dirige as da actividade psycho-intellectual.» (*Ibidem*, p. 108). Em toda a evolução physica, physiologica, psychica e motora das impressões, em todo o percurso da ondulação nervosa, quer ella parta dos plexus sensoriaes até projectar-se na camada cortical do cerebro, quer desça d'essa camada sob a fôrma de influxo excito-motor até reflectir-se no systema muscular, os elementos que a transformam e transmittem são sempre susceptiveis de vibrar á sua chegada, condição *sine qua non* para a elaboração nervosa, e de conservar esta vibração n'um estado latente por mais ou menos tempo, como o traço fixo da orientação contida na corrente nervosa. Este traço da orientação recebida, que é uma modalidade vibratoria particular, é, por assim dizer, absorvido, assimilado pela cellula e repercutido no reticulum cellular que equilibra a vibração. Assim como o brilho phosphorescente produzido n'um corpo inorganico se apaga se se não torna a reflectir na superficie a incitação luminosa, assim como o som se extingue se o corpo sonoro não é incitado, assim a propriedade nervosa da vibração persistente só se manifesta quando existe a permanencia da receptividade das impressões exteriores. Diz Luys: «Esta solidariedade das regiões periphericas com as regiões centraes do systema é de tal modo real que, quando as primeiras vêm a faltar, o funcionamento das regiões centraes partenarias é do mesmo golpe interrompido.» (*Ibidem*, p. 113). Os ve-

lhos e os alienados cuja receptividade sensorial se tem embotado, lembram-se muitas vezes de factos passados que repetem continuamente, ao passo que chegam a perder a lembrança do que um instante antes comeram, porque a sua recepção das impressões exteriores apenas conserva a persistencia das impressões recebidas. Tanto esta ideia da phosphorescencia organica é verdadeira que, como o demonstrou Byasson, toda a cellula nervosa que funciona dispende materias phosphoradas. Com o que temos dito está explicado o phenomeno da memoria. Todas as funcções cerebraes são modos de vibração da cellula nervosa, vibração que representa a impressão recebida. A persistencia vibratoria n'um estado silencioso, latente, é um facto que não offerece a menor duvida. Pondo uma obreira sobre um metal fino e polido, soprando depois a superficie e, tirando a obreira, deixando seccar o halito do sopro, dá-se origem a uma imagem espectral, a sombra da obreira, que se revela todas as vezes que se voltar a soprar, e que se pôde conservar durante mezes, tendo o cuidado de evitar os contactos deterioradores da superficie metalica. Se a vibração de um simples metal pôde assim persistir, quanto mais perfeitamente se devem conservar os traços vibratorios nos elementos nervosos, que têm a propriedade fundamental de receber impressões e de funcionar dispendendo phosphatos. O erethismo de cada cellula ou de cada região cellular¹, que é a vibração nervosa no sentido e com a tonalidade da orientação recebida, é o que produz a actividade cerebral.

III

A actividade do cerebro, como a de todas as outras partes do organismo, effectua-se fundamentalmente pela influencia da circulação do sangue. Sabe-se que o sangue chega ao cerebro rutilante e vermelho e que sae pelas veias negro e carregado de acido carbonico.

Vejâmos porque modo se opera a distribuição circulatoria nos elementos cerebraes.

É por meio dos capillares que ella se realisa. Da maneira como elles se acham na massa encephalica diz Luys: «Irradiados sob a forma de taboas da face profunda das meninges, immergem como radículas delicadissimas no seio dos elementos nervosos, dividindo-se em redes cada vez mais tenues, e as suas malhas, estreitando-se, vão no ambito de cada grupo de cellulas formar aureolas sanguineas de uma extrema riqueza. Coisa bem notavel! Estes mesmos capillares, que, nos outros órgãos, pene-

¹ Deve-se notar que as cellulas, com quanto ligadas por um reticulum de fibras, têm uma autonomia individual e, podemos-o dizer, uma autonomia regional.

tram directamente na trama d'elles e se põem em contacto com os elementos activos que devem alimentar, apresentam para os elementos nervosos uma disposição especial: uma bainha adventicia particular abraça com effeito as suas paredes, como uma manga, durante uma parte do seu percurso. Ella os isola mesmo dos elementos nervosos, de sorte que não é senão mediatamente que os actos da vida nutritiva se operam em seu favor.» (Ibidem, p. 18). Por esta disposição especial das fibras capillares se vê como o fluido sanguineo alimenta todas as actividades cerebraes, como leva a cada cellula a sua nutrição. O sangue é a condição sem a qual não é possível impressionabilidade, memoria, juizo, consciencia. Isto não é só um facto mais ou menos intuitivo para todos, como se acha comprovado por experiencias directas. Nos animaes, abrindo-lhes o craneo e cobrindo a abertura por um crystal de relogio, o que permite ver a massa encephalica; em homens, por fracturas do craneo, tem se verificado que a circulação capilar durante o estado de repouso do cerebro é mais debil, e que a substancia encephalica em actividade augmenta de volume, torna-se mais colorida, observando-se uma affluencia de sangue. Durante o somno o cerebro está anemico e immovel, mas, como provou Caldwell n'um doente que tinha perdido uma parte do craneo, quando sobrevem o sonho, cresce de volume, agita-se e a circulação revela-se com mais intensidade. Injectando sangue oxygenado pela carotida na cabeça de um animal decapitado, vê-se progressivamente apparecerem as propriedades vitales dos musculos das glandulas, dos nervos do cerebro, e vêm-se movimentos da cara, dos olhos, como se fossem dirigidos pela vontade do animal. A cabeça do homem tambem accusa o mesmo resultado pela excitação electrica, e accusal-o-ia do mesmo modo pela influencia do sangue, se esta experiencia se fizesse.

A corrente circulatoria estende-se a toda a substancia encephalica e é essa distribuição geral do fluido sanguineo que conserva o equilibrio das actividades cerebraes. Porém, em dadas condições, a distribuição não é geralmente repartida por todos os elementos. Como se sabe, a transformação do sangue oxygenado em sangue venoso, operada pelo orgão que funciona, produz movimentos calóricos. No cerebro dá-se esse facto e todos sabemos o calor que provoca na cabeça uma excitação cerebral. N'este sentido, o Dr. Lombard, por meio de apparatus thermo-electricos, chegou a determinar as variações da temperatura durante o repouso e durante a actividade do cerebro. Diz elle: «Toda a causa que attrae a attenção, um ruido, a vista de um objecto ou de uma pessoa produz uma elevação de calor. Uma elevação de temperatura se effectua igualmente sob a influencia de uma emoção ou durante uma lei-

tura interessante em voz alta. É na região da pertuberancia occipital que a elevação da temperatura tem sobre tudo logar.» (Apud, *ibidem*, p. 59 e 60). Estas experiencias foram feitas sobre a pelle do craneo; a substancia cerebral foi directamente observada por Schiff e os resultados que elle obteve são muito mais precisos. Por meio de apparatus thermoscopicos de uma extrema sensibilidade, Schiff delimitou quaes eram as regiões da camada cerebral sollicitadas por cada ordem de impressões e demonstrou que a chegada das impressões na circumscripção cellular em que ella se disseminava se resolvia n'um desenvolvimento local de calor, e suppoz que este calor era um phenomeno dynamico independente da actividade circulatoria. Esta supposição de Schiff tem uma parte de verdade: é que o erethismo provocado pela impressão sensorial se dá sem o concurso inicial da corrente sanguinea. Mas todo o calorico produzido no cerebro tem a sua origem na circulação, e tanto isto é assim que, quando se priva d'ella o cerebro, como experimentou Astley Cooper, extingue-se toda a actividade.

É preciso estabelecer as relações que existem entre a vibração nervosa e o fluido sanguineo. A vibração nervosa effectua-se sob a influencia das incitações exteriores e sob a influencia da corrente do sangue. Sabemos que as cellulas dispendem materias phosphoradas e que ellas não as podem dispender senão pela assimilação do sangue que continuamente se opera na sua trama. É por isso que é necessario o repouso, que dá logar a uma accumulção de nervosismo, que é o que, na vibração, se pôde dispender sob a fórma de calorico, independentemente da influencia circulatoria, e esse nervosismo é reforçado durante a vibração pelo fluido sanguineo. Assim succede em toda a materia organica. Um elemento nervoso ou muscular em actividade como que attrae a corrente. Isto vê-se, no cerebro, no maior desenvolvimento circulatorio que sempre accusam os capillares de uma região cellular, quando esta região funciona, e verifica-se na prostração do nosso organismo inteiro, causada pelo trabalho prolongado de um simples musculo, que dispendeu maior somma de calorico, em detrimento das outras partes do organismo, das quaes desviou para si a affluencia do sangue. É portanto incontestavel que o sangue se dirige principalmente no sentido em que é sollicitado e que a sollicitação é a actividade organica. E assim cremos poder responder affirmativamente á seguinte pergunta de Luys: «Será preciso attribuir a uma derivação sanguinea accidentalmente provocada n'uma circumscripção do cerebro em erethismo, em detrimento das regiões circumvisinhas, certos phenomenos da vida cerebral, em vista dos quaes, sob o imperio de uma forte preocupação, de uma concentração de espirito sobre um ponto, nós perdemos momentaneamente a noção

do meio ambiente, e cessamos de perceber o que se passa em volta de nós?» (Ibidem, p. 56, nota).

Dissemos que a vibração nervosa se effectua sob a influencia da incitação exterior e da corrente sanguinea, e é este motivo que explica as sobrexcitações da actividade cerebral. A incitação provoca o erethismo ou estado vibratorio excitado e o erethismo provoca a affluencia do sangue sobre a substancia em que elle tem logar. Por onde se vê como um forte erethismo pôde chamar a si a circulação e privar d'ella portanto as regiões circumvisinhas, o que occasiona a perda de conhecimento, o desequilibrio das funcções cerebraes. O sangue, que no cerebro é um fluido nervoso, tambem desperta a vibração quando afflue em maior quantidade, e como a vibração é ao mesmo tempo a fôrma organica da assimilação d'esse fluido, segue-se que quanto mais intensa fôr mais força vital elabora, o que é a rasão do augmento da actividade nervosa. Estes é que são os excitantes que provocam a actividade cerebral e não, digamol-o com Claude Bernard, a espontaneidade que parece possuirem os elementos nervosos para vibrar por si. A vibração automatica ou espontanea não é mais que o resultado da reacção exercida ou pela incitação exterior ou pela corrente sanguinea. A prova é que em faltando estes está extincta a vida. Vamos ver como o fluido sanguineo pôde affluir em maior quantidade ao cerebro.

IV

O coração é o orgão que preside á circulação geral. Acha-se situado entre os dois pulmões e tem a fôrma de um cone cuja base está fixa por grossos vasos que trazem o sangue e cuja ponta livre está inclinada para baixo no peito esquerdo entre a quinta e a sexta costella. A sua base é composta de duas cavidades chamadas *auriculas*. Estas duas cavidades são correspondidas por outras duas que tomam o nome de *ventriculos* e que fôrman as pontas do coração, de onde é expellido o sangue para todas as partes do corpo por meio de arterias. Cada auricula e o seu correspondente ventriculo está separada por um tabique longitudinal, o que divide o coração em dois, chamando-se um esquerdo e o outro direito. Os ventriculos têm duas comportas ou valvulas: uma que está na entrada do sangue, outra na saída. O coração esquerdo recebe na sua auricula o sangue arterial dos pulmões que é lançado em seguida no seu ventriculo para se derramar por todo o organismo; o coração direito recebe na sua auricula o sangue venoso que passa ao ventriculo e d'elle aos pulmões. Aquelle preside á distribuição do liquido vital em todos os orgãos; este á purificação do sangue nos pulmões. Para isto se comprehender é preciso saber não só as propriedades physiologicas do tecido cardiaco, mas tambem as quali-

dades dynamicas do liquido sanguineo, porque umas e outras é que produzem o movimento circulatorio.

O coração é um tecido carnoso ou muscular constituido por fibras que se contraem. Como as cavidades cardiacas se formam d'estas fibras, a contracção ou diastole une as suas paredes. Assim a auricula contraindo-se expulsa o sangue contido n'ella, que sae pela abertura que dá para o ventriculo; a valvula auriculo-ventricular, que se abriu, torna a fechar-se ao mesmo tempo que a valvula arterial deixa passar o sangue expulso pela contracção ventricular. A cada uma d'estas contracções segue-se um relaxamento ou systole, durante o qual as cavidades do coração se tornam a encher para voltar a despejar-se e assim successivamente.

O principio universal do movimento estabelecido por Trémaux de que *a força viva se transmite melhor entre corpos semelhantes que entre corpos differentes* nos explica a causa da circulação. O carbone e o oxygeneo combinam-se nos pulmões, que são um corpo azotado solido, pela compressão que se opera. Esta combinação dá origem a uma producção de calor que repelle o sangue alcalisado, pela razão de que *dois corpos semelhantes se afastam por excesso de repulsão*. No curso circulatorio o sangue acidifica-se e, pela razão de que *os corpos são comprimidos em razão da sua differença*, tende inversamente a voltar para o centro alcalino ou os pulmões. Assim temos explicada a circulação. Por semelhança o sangue afasta-se dos pulmões; entra na auricula esquerda e enche-a; a valvula auriculo-ventricular abre-se para deixar passar o sangue e fecha-se em seguida para que o liquido não volte atraz pela pressão calorica. A contracção ventricular faz ceder a valvula arterial e o sangue é impellido para todo o organismo por essa pressão e pela sua tendencia a afastar-se do centro alcalino. A perda da alcalinidade na circulação dá-lhe o impulso que o dirige para o coração direito, o qual faz a mesma operação que o coração esquerdo, impellido o sangue venoso para os pulmões.

Vejamos agora como é que o coração, sendo um musculo que se distingue de todos os outros musculos por funcionar independentemente dos nossos nervos motores, domina em certos casos o systema nervoso.

O coração é rodeado por uma classe de nervos chamados pneumo-gastricos, os quaes vêm em linha directa do cerebro. Os movimentos cardiacos, pois que são o resultado da transformação do sangue oxygenado em acido carbonico, produzem uma grande quantidade de fluido nervoso ou calorico, que é recebido por esses nervos e naturalmente levado por elles ao cerebro onde elle se dispende constantemente durante o repouso e durante a actividade. Os pneumo-gastricos são portanto o meio por onde se esvae o ca-

lorico produzido no coração, e como a falta d'esta saída não deixa outra evasão a esse calorico, é claro que, impedindo o curso dos pneumo-gastricos, se impede a contracção do musculo cardiaco. O curso dos pneumo-gastricos pôde ser interrompido natural ou artificialmente.

A nossa vontade não abrange todo o systema muscular, mas a nossa sensibilidade tem uma influencia geral sobre todos os nervos motores pela acção reflexa. Esta acção reflexa dá-se na fórma de uma corrente nervosa, que é mais ou menos intensa, segundo a excitação e o grau de sensibilidade physiologica. Quando uma emoção nos impressiona e a nossa sensibilidade vibra rapidamente, essa corrente nervosa estabelece-se e reage sobre todo o systema motor. Esta reacção alcança os pneumo-gastricos e é então que a corrente nervosa que elles trazem do coração recebe o choque da que partira da sensibilidade, dando-se o impedimento do curso calorico. Este mesmo choque se produz artificialmente, segundo Huxley, destruindo o cerebro a uma rã de modo a supprimir toda a sensibilidade, o coração continúa a contrair-se; excita-se electricamente os pneumo-gastricos separados da cabeça e o coração pára logo, continuando depois a mover-se regularmente. Se a emoção ou a excitação electrica é muito forte, pôde a corrente que ella occasiona impedir definitivamente a contracção cardiaca, porque o musculo fica sem saída para o calorico que produz. D'aqui a morte. Se o abalo não chega a causar esse resultado, o coração é apenas suspenso em diastole durante um rapido momento, dando-se a contracção immediatamente logo com tanta mais velocidade quanto mais fluido nervoso foi produzido para vencer a suspensão, e como esta, apesar de mais ou menos breve, dá occasião á chegada de um excesso de sangue que entra nas auriculas, a circulação augmenta-se subitamente e os pneumo-gastricos como os outros conductores levam com a mesma velocidade ao cerebro uma maior quantidade de fluido nervoso que vae sobrexcitar a vibração cellular. Da suspensão momentanea provêm os accidentes apoplectiformes, as vertigens, os desfallecimentos, as perdas de conhecimento, etc.; da acceleração e augmento da circulação provêm as sobrexcitações cerebraes que se effectuam especialmente na região cellular de onde partiu a causa da corrente nervosa que foi chocar a corrente dos pneumo-gastricos, e isto pela razão de que o liquido sanguineo se dirige no sentido em que é sollicitado pela actividade.

V

Os precedentes capitulos ao mesmo tempo que explicam a actividade cerebral são o estudo das condições em que essa actividade

passa além da sua esphera normal e sóbe de intensidade. Descrevamos alguns casos de sobreexcitações que temos á mão:

Um operario communicou a Mr. Littré, n'uma carta publicada no XIX volume da revista de *Philosophie Positive*, p. 219 e 220, o seguinte caso que com elle succedeu:

Dirigindo um *atelier*, elle fazia executar por algumas raparigas um certo trabalho. Uma d'ellas não o sabia fazer bem e, apesar das indicações e meios de rigor empregados por elle, a rapariga continuava a não sabel-o fazer. O operario nunca tinha feito nem sabia fazer o trabalho, mas n'um accesso de impaciencia tomou-o das mãos da rapariga e executou-o. Quando acabou ficou estupefacto do que tinha feito e o seu estado era o de uma excitação cerebral extraordinaria. Durante a operação não sabia o que se passava em volta de si, não tinha consciencia do que praticava, não sentia o movimento do braço que depois lhe parecia estar unido á cabeça, e quando se levantou tinha as pernas como entorpecidas, apesar do trabalho durar apenas um minuto. Passado uma hora, quando já o seu cerebro estava tranquillo, quiz recommençar a operação, mas, ainda que o braço e a mão se moviam bem, não pode fazel-a senão imperfeitamente, e só depois de a repetir diversas vezes é que chegou a realisal-a como da primeira vez.

A este caso ajunta Littré a seguinte anedocta historica:

No começo da guerra dos sete annos, um corpo de tropas francezas cercou a cidadella de Port Mahon occupada pelos inglezes e levou-a de assalto. Depois da tomada da fortaleza, um official, examinando a brecha, perguntava como era possivel que homens tivessem subido por ella, tanto era difficil e escarpada. Elle chamou os granadeiros que tinham tomado parte no assalto e pediu-lhes que recommençassem na sua presença a ascensão que lhes tinha tão bem succedido. Esta ascensão, sem inimigos e sem armas, que parecia muito mais facil, não pode effectuar-se; foi impossivel attingir o alto da escarpa; e, quando o official lhes perguntou como elles tinham podido fazer então o que eram incapazes de fazer agora, elles responderam: é que lá de cima disparavam-se espiñardas.

De Luys extraímos o seguinte:

Vêm-se com effeito doentes, dotados de uma intelligencia muito ordinaria, que em um momento dado, quando estão sob a influencia d'esta phase de erethismo cerebral, podem improvisar, fazer citações, associar ideias novas com uma extrema rapidez, dizer palavras espirituosas, fazer *calembours*, em quanto que, nas condições normaes da vida, elles são completamente inhabeis para fazer alguma coisa de semelhante.

Michia cita o caso de um joven cortador que observou em Bi-

cêtre, e que, sob a influencia de um accesso de mania, recitava tiradas inteiras da *Phèdre* de Racine; entrado n'um periodo de calma, elle disse que não tinha ouvido senão uma unica vez a tragedia em questão, e que lhe era impossivel, apesar dos seus esforços, tornar a recitar um só verso.

Van Swieten, segundo o mesmo auctor, cita o exemplo de uma joven operaria que, não tendo nunca pensado em fazer versos, durante um accesso de febre, se tornou poetisa e inspirada. Perfect falla de um alienado que, durante o seu delirio, se exprimia em verso inglez harmoniosissimo, ainda que não tendo mostrado anteriormente nenhuma disposição para a poesia. (*Le Cerveau*, p. 132).

Vigna conta o caso de certos individuos, que pareciam incapazes dos juizos os mais faceis, exporem, sobrexcitados pela presença de uma pessoa, pela dos magistrados, pela magestade do tribunal, os elementos de uma defeza regular.

Pouco mais nos resta dizer. Nós vimos como a vibração nervosa é a impressão da incitação recebida; vimos como ella pôde persistir n'um estado vibratorio latente e pôde ser excitada ou por uma incitação ou, em certa maneira, pela corrente sanguinea. Mostrámos que, quando a incitação se torna uma d'estas percepções que nos abalam, ella excita extraordinariamente a cellula em que se reflecte e produz uma emoção na sensibilidade. Esta emoção é a causa de uma corrente nervosa que, entrando nos pneumo-gastricos e chocando a corrente calorica que o coração realisa pelas contracções, dá origem a uma paragem nos movimentos cardiacos, o que se resolve ou na suspensão completa do coração, ou n'uma acceleração d'esses movimentos. A acceleração leva maior quantidade de fluido sanguineo ao cerebro e naturalmente este fluido vae aglomerar-se especialmente sobre a região excitada. Por outro lado a derivação do sangue de toda a substancia para um ponto determinado tambem se pôde effectuar pela excitação d'elle. Com a affluencia do fluido sanguineo a vibração recebe um novo estimulo, a actividade cellular augmenta, a sobrexcitação manifesta-se na fôrma de uma actividade maior que a normal. Como isto traz um grande dispendio de nervosismo, sente-se a prostração, e, quando a derivação da corrente para a região excitada tira aos outros elementos cerebraes o fluido que os alimenta, a perda do conhecimento dá-se. Em quanto a estes estados morbidos em que as faculdades mentaes se revelam com mais desenvolvida capacidade que no estado normal, é ainda o sangue que afflue ao cerebro em maior quantidade, devido ao desequilibrio das funcções organicas.

AOS TRABALHADORES

(A THEOPHILO BRAGA)

Tem sido longa a luta e a victoria já tarda!
Trazeis queimado o rosto e ensanguentada a farda
De combater de frente ha mais de seis mil annos;
E ainda vos opprime a espada dos tyrannos,
E ainda vos esmaga o peso da injustiça,
E ainda vos explora a hydra da cobiça
E ainda vos envolve o mesmo vil sudario!
É tempo de chegar ao fim d'este Calvario,
É tempo de partir de vez esta grilheta,
Esta cousa infamante, iniqua, vil, abjecta,
Esta cousa infernal, esta cousa sem nome
De dar por patrimonio ao que trabalha... a fome!
De impor ao operario a crise do trabalho,
Deixando-o para ahi sem pão, sem agasalho,
Como se o homem fosse um velho cão vadio,
A vaguear pela rua á chuva, ao vento, ao frio!

Se a vida é uma batalha e se o trabalho é gloria
Não póde alimentar-se á fome essa victoria,
Atando como escravo as mãos ao vencedor!
Se o trabalho é dever, é logico suppor
Que vae n'elle tão bem implicito um direito,
E quem tomou um dia esse dever a peito,
E quem fez d'esta vida uma luta constante,
Atacando de frente esse brutal gigante,
A velha natureza, o monstro da materia,
Não póde ser atado ao poste da miseria,
Vendo em volta de si, preso, inuteis os braços,
A esposa moribunda e os filhos d'olhos baços

Extinguam-se á fome, em quanto pela estrada
Desfila a realesa, inutil, regalada
Em carros triumphaes; em quanto nos caminhos
Passeia, abroquelada em purpuras e arminhos,
Chamando atheus aos bons e aos pobres sediciosos,
A cáfila voraz dos bispos ociosos;
Em quanto n'um segundo um tiro de canhão
Gasta mais que n'um anno um operario em pão;
Em quanto o capital, na estupidez egoista
Da vasta exploração do trabalho do artista,
Negando-lhe o direito á divisão do juro,
Julgando-se, o imbecil, nas armas mais seguro,
Acata a religião e afaga a realesa
Comprando a peso de ouro as cartas de nobresa;
Em quanto finalmente o dever da instrucção,
O primeiro dever de todo o cidadão,
É mais um privilegio, um mimo especial
Á custa do trabalho em prol do capital.

É tempo de pôr termo a esta baixa orgia
Das leis e do poder, da torpe simonia
Dos padres e dos reis, essa fatal canalha
Que vive do suor de tudo o que trabalha!
É preciso que seja um crime a ociosidade,
Que a lei o classifique um roubo á sociedade,
Como o classificou de ha muito a consciencia!
É preciso tratar a serio esta demencia
Do velho christianismo, a nodoa mais escura
De toda a historia humana, a nodoa de gordura
Da estupidez feroz da indole semita,
A loucura divina, a vesânia infinita,
Que entrou na alma aryana ha quasi dois mil annos
E que é o manancial de todos os tyrannos,
A insania nazarena, a vertigem do ceu,
Que o que tinha de bom a dar ha muito o deo
— A disciplina igual de todo o velho mundo —
Mas hoje é simplesmente um sentimento immundo
E o mais pesado estorvo á marcha do progresso,
É o eunucho imbecil que nos prohibe o ingresso
Ao pantheon da sciencia, ao templo da verdade...
É preciso acabar com esta indignidade,
É preciso pôr termo a este baixo insulto
De ter presa a moral á grilheta do culto,

Pela expansão geral da idéa do dever:
E o capital enfim precisa de entender
Que não pôde engordar á custa da miseria,
Que o sangue que lhe bate estuante na arteria
Lhe vem do coração potente do operario,
De que o salario é lucro e que o juro é salario,
De que não pôde haver portanto differença
Entre o lucro do braço — esta energia immensa —
E o lucro do dinheiro — esta energia enorme —
Se a alavanca vibrou, é que o braço não dorme.

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

BIBLIOGRAPHIA

LYRA CAMONEANA

DE TEIXEIRA BASTOS

O sr. Teixeira Bastos além d'algumas poesias espalhadas por diferentes publicações commemorativas e d'uma sua conferencia ¹ contribuiu para a brilhante commemoração do tricentenario de Luiz de Camões, com um pequeno volume de esplendidos versos subordinados ao titulo de LYRA CAMONEANA. As poesias que formam esta collecção são todas inspiradas no amor da patria e no vivo desejo de a ver um dia regenerada:

«Já hoje em teu regaço agitam-se elementos
«Para formar um mundo entregue a novos ventos,
«Que tenha fim diverso e seja egregio e novo,
«Um mundo de ideias, um mundo para o povo
«Que no trabalho passa e gasta a vida e os annos.
«É tempo de subir, traçando novos planos,
«A via do progresso em busca de outro cume
«Guiados pela mão audaz do grande nume,
«Do deus mais verdadeiro e esplendido, a Sciencia.

«Festejando Camões, mostramos ter consciencia
«Da nacionalidade, e pela evolução
«Irmos entrar na vida, herdeiros da nação
«Que foi sulcando o mar abrir o rico oriente.
«É tempo de volver á vida consciente.»

E teem os seguintes titulos:— *A Camões—Tres versos de Camões—Naufragio do Poeta—A Morte do Jão—Luiz de Camões—A Portugal.*

¹ *Luiz de Camões e a Nacionalidade portugueza.* Lisboa, Nova Livraria Internacional, 1880, 1 volume in-32.º de 64 pag.

Este livro saído da officina de Castro Irmão é uma maravilha typographica, e foi feita a expensas d'um brasileiro opulento e muito illustrado, o ex.^{mo} sr. José Antonio de Carvalho Monteiro. Esta luxuosa edição não entra no mercado; tem sido pelo seu editor generosamente distribuida por amadores de bons livros e pelos individuos que se honram com a sua amisade e com a do auctor. Consta ella de 306 exemplares, dos quaes 300 foram impressos em papel superior, e os restantes 6 em pergaminho, encadernados em *chagrin* e dourados por folhas que ficaram sendo possuidos pelos seguintes cavalheiros:

José Antonio de Carvalho Monteiro (editor), commendador *Francisco Augusto Mendes Monteiro* (pae do editor), dr. *Antonio Augusto de Carvalho Monteiro* (irmão do editor), *Francisco José Teixeira Bastos Junior* (auctor), *Francisco José Teixeira Bastos* (pae do auctor), e dr. *Theophilo Braga*.

Registrando aqui a apparição d'este livro, tivemos em vista, principalmente, consignar mais uma vez o modo altamente grandioso como os srs. Teixeira Bastos e Carvalho Monteiro, contribuíram para a solemnisção do tricentenario de Luiz de Camões; e archivarmos tambem a noticia para o *Catalogo de livros portuguezes raros e estimados*.

ANTONIO FURTADO.